

JANINE BARTH

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT-
TERAPIA: ANÁLISE DE UMA TRAMA CINEMATOGRAFICA**

BRASÍLIA

2017

JANINE BARTH

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT-
TERAPIA: ANÁLISE DE UMA TRAMA CINEMATOGRAFICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como
requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

BRASÍLIA

2017

JANINE BARTH

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT-
TERAPIA: ANÁLISE DE UMA TRAMA CINEMATOGRAFICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como
requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a): Ilsimara Moraes da Silva, Me.

Prof.(a): Miriam Fillipi, Dra.

Prof.(a): Fádua Helou, Me.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me abençoado nestes cinco anos de curso e por ter me dado saúde e sabedoria para vencer todos os obstáculos para chegar neste momento sublime de realização.

Agradeço ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB pela oportunidade de cursar psicologia com a certeza que estava recebendo um ensino de extrema qualidade.

Agradeço à Mestre Ilesimara Moraes da Silva, por todas as orientações; pela disponibilidade, dedicação, paciência e carinho para me orientar. Agradeço aos sábados que sacrificou para que pudéssemos nos reunir, às palavras de conforto e ânimo. Aos ensinamentos transmitidos que foram essenciais para minha formação. Agradeço por ensinar-me principalmente com ações; sendo ética, extremamente profissional, engajada, humilde e apaixonada pela profissão, o que me deixou ainda mais entusiasmada para iniciar esta nova etapa da minha vida.

Agradeço aos demais Mestres e Doutores, membros do corpo docente do curso de psicologia que por mim passaram durante a graduação; em especial a Dra. Miriam Fillipi e Mestre Fádua Helou. Agradeço não apenas por contribuírem para este momento tão especial em minha vida, mas por todos os ensinamentos transmitidos durante vários momentos da minha formação. Admiro imensamente o vosso trabalho.

Agradeço à todas as pessoas que me apoiaram e me ajudaram chegar até aqui. Particularmente, agradeço às minhas amigas da faculdade que batalharam comigo nestes 5 anos e, houveram muitos choros, desespero, mas também sorrisos, abraços e momentos inesquecíveis. Agradeço também ao apoio dos demais amigos como o da Natália Aguiar, da Huxilenne e do Renan Barbosa que se colocaram à minha disposição para auxiliar-me neste estudo. E também à minha psicóloga Zenailda.

Não poderia deixar de agradecer à minha família que me incentivou, me apoiou, que esteve ao meu lado até nos momentos mais difíceis do curso. Com carinho agradeço à minha mãe Judite por todo o carinho, dedicação, palavras de ânimo e até pelos puxões de orelha. Agradeço a minha avó Elizia, minha princesinha, que me enche de amor, beijos e abraços alegrando os meus dias. E ao meu namorado Pedro Tiago que me apoiou durante todo este tempo, nos momentos bons e ruins, sendo sempre muito companheiro.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.
(Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo geral compreender o desenvolvimento da criança numa perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia, valendo-se da análise de uma obra cinematográfica, que representa a situação de uma criança que vive em condições adversas numa situação de cativo durante cinco anos e sua posterior adaptação ao mundo. Buscou-se realizar uma análise fenomenológica das vivências do protagonista do filme com a discussão de quatro unidades de sentido: a) Vivências de “Jack” durante permanência no quarto: o campo geográfico e o campo vital; b) Saindo do quarto e as vivências fora do quarto: reconfigurando a representação do mundo; c) Ampliando os contatos com o mundo e afastando-se da mãe; d) As vivência da mãe de “Jack”: a vida no quarto e o retorno para o mundo. Considera-se que o estudo conseguiu demonstrar, em consonância com a literatura, que o desenvolvimento humano se dá de forma singular e não determinada.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano, Gestalt-terapia infantil, Fenomenologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 CONTEXTUALIZANDO NOÇÕES DE INFÂNCIA E FAMÍLIA	9
1.1 Discutindo a compreensão do desenvolvimento infantil na contemporaneidade	12
2 DISCUTINDO O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	14
2.1 O desenvolvimento humano na visão da Gestalt-terapia.....	18
3 METODOLOGIA.....	26
3.1. Resumo do filme	28
3.2 Procedimento de análise dos dados.....	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	30
4.1 Vivências de “Jack” durante permanência no quarto: o campo geográfico e o campo vital.....	31
4.2 Experiência da saída do quarto.....	39
4.3 Ampliando os contatos com o mundo e afastando-se da mãe.....	42
4.4 Considerando a vivência da mãe.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DO FILME: “O QUARTO DE JACK”	02
APÊNDICE B – TÍTULOS DAS CENAS DA TRANSCRIÇÃO DO FILME.....	65

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa vigente pretende propor um estudo teórico e empírico a respeito do desenvolvimento infantil dentro da perspectiva da Gestalt-terapia (GT), a partir de um filme cujo protagonista é “Jack”, uma criança de cinco anos de idade, do filme: “O quarto de Jack”. Este filme foi desenvolvido com foco na percepção da criança sobre os acontecimentos.

O estudo em GT infantil tem como base a Fenomenologia, que permite uma compreensão mais completa do ser humano, pois esta teoria busca percebê-lo em sua individualidade, em sua forma particular de funcionamento, tanto adulto quanto criança. Por este motivo abstêm-se de generalizações, julgamentos e conceitos prévios sobre os indivíduos.

Analisar o filme permitiu observar que o universo infantil é recheado de desafios, mas principalmente de encantos. Portanto, se faz necessária a compreensão da criança em sua totalidade inserida em um contexto, e este todo perpassa por diversos aspectos relevantes, como: a família, o meio social, o ambiente em que está inserida, além de perceber a criança sob o olhar biopsicossocial. E que é importante valorizar a criança como um ser completo em sua totalidade.

Logo, é esperado que não haja expectativa ou preocupação a respeito das etapas do desenvolvimento, a fim de que se possa alcançar uma visão mais ampla para compreensão acerca da criança. Por este motivo, serão utilizados os conceitos da Gestalt-terapia e da Fenomenologia para trabalhar em termos de desenvolvimento humano.

A justificativa para a realização do presente estudo, está relacionada à grande relevância por dedicar-se a um estudo do desenvolvimento infantil numa perspectiva holística, que visa compreender a criança em sua totalidade. Aguiar (2015) tece uma crítica às teorias de desenvolvimento vigentes na atualidade salientando que elas tendem a compreender esse processo de forma linear, fragmentando o homem em fases, áreas ou marcos cronológicos desconsiderando as relações entre indivíduo e meio e que ambos se modificam através da interação. Além de não considerar o homem como processual, que se relaciona, que está inserido em um contexto e que ao mesmo tempo que é global é singular.

Esta lógica desenvolvimental fragmentada cria no mínimo uma dualidade humana entre a criança e o adulto em que a infância é vista como imatura, imperfeita ou em construção e a

fase adulta, por sua vez, é tida como sendo madura, perfeita ou já construída. Esta perspectiva acaba por reduzir, determinar e naturalizar o homem através da generalização, mas o indivíduo seja ele criança ou adulto, por meio da interação com o meio é capaz de se autorregular, e de se ajustar criativamente em sua vivência (AGUIAR, 2015).

A grande motivação para abordar este tema é a curiosidade desta pesquisadora em compreender mais a respeito da perspicácia da criança em ajustar-se criativamente, diante de situações difíceis e inusitadas. Na análise em questão, será possível compreender apenas “Jack”, pois devido à natureza da metodologia não cabe realizar generalizações. E portanto, o presente estudo poderá auxiliar na compreensão de situações semelhantes, sem desconsiderar a singularidade de cada situação e das relações.

Sendo assim, evidencia-se a necessidade de ampliar os estudos sobre o desenvolvimento da criança numa perspectiva que contemple esse período de desenvolvimento de forma não teleológica, visto que há poucos estudos sobre este tema atualmente.

O objetivo geral é de compreender o desenvolvimento da criança numa perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia, valendo-se da análise de uma obra cinematográfica.

Os objetivos específicos são:

- Discutir o desenvolvimento humano na perspectiva da Gestalt-terapia;
- Analisar o processo de autorregulação infantil e ajustes criativos;
- Debater o papel das relações sociais e familiares no processo de desenvolvimento infantil;

1 CONTEXTUALIZANDO NOÇÕES DE INFÂNCIA E FAMÍLIA

Ao longo dos anos, a visão da sociedade muda a respeito do que é ser criança. Mattar (2015) descreve que naquela época, no período medieval, as crianças saíam de suas casas com aproximadamente sete anos de idade para morar com outra família, com a finalidade de aprender com os adultos: trabalho, costumes e valores. Portanto, não era percebido um sentimentalismo enraizado nas relações familiares neste momento da história porque o dever com a sociedade se sobrepunha à relação familiar, assim acreditavam que isto era um sacrifício necessário para o bem comum.

Ariès (1978) revela que existem dois sentimentos relacionados à infância. Primeiramente, existe o sentimento chamado por ele de “paparicação”, que se limitava às primeiras idades e que correspondia à ideia de infância curta. Entretanto, a ausência do sentimentalismo não se refere ao abandono, negligência ou desprezo, tampouco ao afeto em si. Mas do segundo sentimento citado por ele que é uma percepção diferencial entre um adulto e uma criança. Em outras palavras, é a tomada de consciência a respeito da infância e de sua inocência e fragilidade, e conseqüentemente do dever dos adultos de preservar, cuidar e proteger as crianças.

Antes do surgimento e evolução desses sentimentos relacionados à infância, a criança era apenas um ser com quem as pessoas se distraíam com afeição, sem preocupação moral e afetiva. Porém, a partir do momento em que a criança era introduzida no mundo dos adultos sem um processo de transição, esse sentimento de “paparicação” tendia a desaparecer (ARIÈS,1978).

O historiador, ao descrever a vida de umas das famílias da Idade Média, afirma que a criança até a idade de cinco-sete anos não era considerada, talvez pelo alto índice de mortalidade da época. Ela passava a ser contada apenas quando não precisava mais dos cuidados de sua mãe e/ou de sua ama, e neste momento era inserida na sociedade e tratada como um adulto, mesmo sendo ainda muito jovem. As crianças, eram vistas, até então, como adultos em miniatura, como se ainda estivessem incompletas por isso eram ensinadas.

Mattar (2015) afirma que a partir do século XV, com o surgimento das escolas como principal meio de aprendizagem, este cenário começou a mudar, as crianças ao invés de irem morar com outras famílias para aprender o trabalho, costumes e valores, começaram a

frequentar a escola, e aos poucos a sociedade foi percebendo a irrelevância das crianças saírem de casa. Com o tempo, as escolas passaram a ser cruciais para socialização e instituíram novas premissas morais visando uma proteção à inocência infantil.

Entretanto, Ariès (1978) revela que com o surgimento das escolas, não apenas as crianças eram escolarizadas, mas os adultos também, e não se encontra nos relatos da época a respeito da idade dos alunos, pois eles eram insensíveis à diferenciação de idade como citado acima. O autor afirma que a criança, ao ser inserida na escola, já entrava no mundo do adulto. Consequentemente, as premissas citadas anteriormente foram incorporadas na sociedade com o decorrer do tempo, e não imediatamente depois do surgimento das escolas.

Com essas mudanças, Mattar (2015) afirma existir um aumento do convívio entre os membros da famílias sendo que os pais passaram ocupar-se de cuidar e vigiar os seus filhos, e não abandoná-los aos cuidados de outra família. Por conseguinte, as mudanças ocorridas foram visíveis quanto ao modo de lidar, criar e compreender as crianças. As relações foram se tornando cada vez mais sentimentais de modo que a família começou a se organizar em função da criança.

Mas a autora expõe que mesmo neste período em que as crianças voltaram a ficar mais tempo em casa, a antiga relação social compromissada com a moral comum permaneceu: quanto mais aberta a família era para o mundo exterior, menos desenvolvia-se afetivamente. Não existia separação entre a vida profissional, social, mundana e privada. As pessoas não almejavam ter grandes fortunas, mas posições respeitadas socialmente, havia uma grande preocupação com a própria reputação.

A partir do século XVII surge uma insistência para que os pais escolham a escola, supervisione os estudos dos filhos, e por consequência os sentimentos começam a mudar e se aproximar aos sentimentos atuais de família, conforme descrito por Ariès (1978).

Nos século XVIII os costumes mudaram ainda mais; agora, exigia-se o respeito à privacidade alheia, restringindo a família aos pais e filhos, em que cada qual tinha a sua privacidade. Não haviam mais parentes, amigos e empregados dormindo juntos no mesmo ambiente (MATTAR, 2015). As pessoas passaram a priorizar a família e deixar a socialização em segundo plano. Nesse momento, a função dos pais transcende a mera preocupação com a criança e sua educação à preocupação da saúde dessas.

No século XIX, a família passou a ser vista como incapaz de zelar pela existência das crianças e adultos, devido ao alto número de mortes infantis e à precariedade da saúde dos adultos. A educação higiênica era dada principalmente às crianças, e por meio delas aconteceu uma transformação nos hábitos familiares. A figura paterna de proteção, autoridade e centralidade no seio familiar é substituída pelos filhos devido à educação higiênica, ou seja, houve uma modificação não apenas nas famílias, mas também em nível social (MATTAR, 2015).

A autora destaca que o sentimento de família, ao longo da história, tem sido influenciado pelo contexto sociocultural da época, podendo se observar o fortalecimento do estado. Este passou a se responsabilizar pela segurança social e instituiu regras e leis para estabelecer a ordem. Cada cidadão deveria se conscientizar de seus direitos e deveres. A civilização é uma imposição da ordem em uma sociedade naturalmente desorganizada, deste modo, priva as pessoas da sua liberdade e felicidade em troca da segurança e senso de pertencimento civil (MATTAR, 2015).

Atualmente, o novo capitalismo é visto de forma mais maleável, permitindo aos trabalhadores certa autonomia para gerir suas próprias vidas e horários de trabalho. Entretanto, a autora ressalta a imposição de novas formas de controle social, as quais são de difícil percepção por decorrência de sua sutilidade. Para exemplificar, as incertezas vivenciadas diariamente proporcionam ansiedade às pessoas. Quanto mais flexível o trabalho aparenta ser, mais rigorosa é a sua supervisão e cobrança. Aos que não se adequam ao novo estilo de vida, acabam por serem responsabilizados e punidos individualmente, logo, cada indivíduo é responsável por seu sucesso e seu fracasso (MATTAR, 2015). O sucesso é compreendido como aquisição de bens materiais porque esta é uma lógica capitalista.

O mundo contemporâneo passou a ser imediatista, assim como os “fast foods” e os bens de consumo descartáveis, tudo acabou se configurando também nesta lógica imediata e descartável, como: produtos, valores pessoais e familiares, estilo de vida, relacionamentos estáveis, pessoas, entre outros (MATTAR, 2015). Essas mudanças podem ser evidenciadas em todas as esferas da vida e reflete diretamente no processo de educação das crianças atuais.

Devido à grande competitividade do mercado de trabalho, as expectativas dos pais com relação aos filhos têm crescido muito. As crianças são estimuladas desde cedo com diversas

atividades para estar na frente dos colegas e não cometerem erros. A finalidade é para que futuramente não fracassem ao entrar no mercado de trabalho, para que possam escolher profissões lucrativas independente da vocação. A vida das pessoas, gira em torno do consumismo, e as crianças e adolescentes são manipulados pela mídia, por exemplo (MATTAR, 2015).

A autora cita Postman (1999) ao discutir a respeito das crianças com acesso indiscriminado às informações, acabam adquirindo conhecimentos que não seriam possíveis anteriormente. Desta forma, possibilita a elas um amadurecimento prematuro tornando possível ocorrer frequentemente a inversão de papéis com seus pais.

Esta inversão de papéis resulta na infantilização dos adultos que indica uma volta ao tempo medieval em que as crianças eram vistas como adultos em miniatura. As crianças estão a cada dia mais ocupadas, competitivas, imediatistas, medicalizadas adentrando cada vez mais ao mundo adulto. Muitos pais, geralmente, ainda nos dias de hoje, tem dificuldade de criar e educar seus filhos e acabam por procurar ajuda especializada, como neuropediatras, psicopedagogos, psicólogos, entre outros, com objetivo de garantir o desenvolvimento esperado que garantir sucesso posterior, na vida adulta.

1.1 Discutindo a compreensão do desenvolvimento infantil na contemporaneidade

Como discutido anteriormente, o reconhecimento da infância como período distinto do desenvolvimento não garantiu que a infância fosse compreendida como uma etapa de vida importante que merecesse compreensão por si só. Ao contrário, a infância passa a ser tida como um período de preparação para a vida adulta. A criança é vista como incompleta, e portanto, espaços educacionais se fazem necessários para torná-las adultas competentes e completas. Esse pensamento influenciou os estudos e as teorias da psicologia do desenvolvimento humano (SILVA, 2011).

Carvalho (1983) refere que a concepção da criança como um adulto incompleto, em formação, gera diversas consequências em níveis teóricos e práticos. No dia-a-dia depara-se com a valorização da precocidade e as crescentes pressões para acelerar cada vez mais o desenvolvimento da criança. Por outro lado, essa concepção impediu durante muito tempo os estudos que evidenciassem a complexidade da organização psicológica de crianças pequenas.

A criança é um ser completo e adaptado, em cada momento de sua vida. Seu comportamento é organizado e funcional em cada fase do desenvolvimento”. (CARVALHO, 1983, p.269)

Na contemporaneidade, a maioria estudos da psicologia consideram o desenvolvimento humano a partir do nascimento que se estende até a velhice (FEIJOO; PROTASIO; GRILL, 2015). Apesar disso, cada abordagem tem uma visão diferenciada a respeito da evolução desenvolvimental dos indivíduos. Grande parte das teorias desenvolvimentais estão fracionadas por fases, por este motivo os autores normalmente focam em algumas fases específicas para desenvolver suas teorias, a maioria dos autores focaram na infância e na adolescência.

A partir desta lógica alguns autores enfatizam a dual importância entre o desenvolvimento biológico e psíquico em determinada fase; outros priorizam aspectos orgânicos como a hereditariedade; há teorias que trabalham com o desenvolvimento psicomotor; existem teóricos do desenvolvimento da personalidade; há os que ressaltam preferencialmente o desenvolvimento psíquico; assim como existem também estudos que destacam o comportamento infantil, por exemplo (FEIJOO; PROTASIO; GRILL, 2015).

Além da pluralidade de abordagens que buscam compreender o desenvolvimento ou parte dele, Freitas (2015) afirma que dentro da psicologia, a infância que é considerada apenas uma das fases desenvolvimentais também pode ser dividida em várias etapas. Estas, por sua vez, exemplificam o que é previsto para o desenvolvimento acerca de cada idade, para que a criança atinja a adultez e seja satisfeita, completa e realizada. Para alguns autores a divisão da infância em etapas clarifica este período do desenvolvimento humano, porém, outros acreditam que tais divisões podem desconsiderar a individualidade de cada criança, generalizando-as.

De acordo com Feijoo, Protasio e Grill (2015), as teorias do desenvolvimento que definem a priori o funcionamento esperado da criança, desconsideram por completo a individualidade dela e desta forma, ao reduzir a criança à uma etapa desenvolvimental, não alcançam a plenitude de uma criança. Freitas (2015) por sua vez, cita Merleau-Ponty (2006, 2002) que salienta a respeito da perspectiva desenvolvimental, em que a criança não é um programa que precisa ser terminado, a criança é um ser-no-mundo como qualquer indivíduo.

Nesse mesmo sentido, Perls, Hefferline e Goodman (1997), criticam o uso de termos infantil e maduro, usados na nossa cultura. Isso acaba por reforçar a ideia de crianças como sendo incompletas e os adultos sendo responsáveis, sérios e adaptados ao modelo social vigente.

[...] Mesmo quando a “atitude infantil” não é considerada como algo ruim nas próprias crianças, seus traços são desaprovados por inteiro na “maturidade”, sem discriminar o que é naturalmente superado, o que não tem importância de qualquer modo, e o que deveria ser persistente, mas é suprimido em quase todos os adultos. A “maturidade”, precisamente entre aqueles que alegam estar preocupados com a “personalidade livre” é concebida no interesse de um ajustamento desnecessariamente rígido a uma sociedade rotineira de valor duvidoso, sistematizada para pagar suas dívidas e impostos. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.105)

Por outro lado, essa ideia de incompletude da infância reitera a importância da socialização e das interações sociais no desenvolvimento humano. Para Carvalho (1983) a interação social e afetiva da criança com o adulto é uma necessidade premente do bebê até porque só dessa forma pode ter garantidas suas necessidades básicas de sobrevivência. (CARVALHO, 1983)

Ao discutir sobre a importância das relações afetivas no desenvolvimento humano, Mello (2007), retoma as ideias de Leontiev (1978) que defende que a criança só entra em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens.

Sendo assim, defende-se a necessidade de uma compreensão do desenvolvimento humano numa perspectiva mais holística, que valorize a criança em suas vivências e construção de sentidos no mundo.

2 DISCUTINDO O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Merleau-Ponty (1999) argumenta que a fenomenologia busca descrever a experiência tal como ela é sem interferências psicológicas e causais da ciência.

A Psicologia Existencial, por sua vez, não enfatiza nenhuma das seguintes determinações: biológica, psicológica ou do ambiente em si, pois importa-se com a existência do indivíduo e sua totalidade (FEIJOO; PROTASIO; GRILL, 2015). Freitas (2016) afirma que a fenomenologia é um modo de observar, uma forma de perceber o mundo. Retoma as ideias de Merleau-Ponty que salienta que a percepção possui uma ordem e se apropria do mundo como um fundo referente ao corpo em que o indivíduo está inserido e que se expressa.

Na discussão sobre infância, é evidente que existem diversas diferenças entre os adultos e as crianças. Sabe-se também que o mundo das crianças não é completamente acessível aos adultos, porém, é preciso um esforço para que se possa entrar no mundo das crianças e compreender suas experiências como parte importante de sua formação (FREITAS, 2015).

Para Feijoo, Protasio e Grill (2015), a compreensão da infância se dá através da existência marcada pela sua indeterminação, deste modo as determinações a priori não servem para a compreensão da criança. A existência é compreendida como uma indeterminação construtiva, e esta indeterminação configura-se como possibilidade, pois cada indivíduo pode desenvolver-se de formas completamente distintas.

As autoras demonstram que a importância está originalmente na existência como possibilidade e é através dela que se é possível tornar-se homem. A criança se deixa invadir de sua totalidade existindo-em-um-mundo. Portanto, dividir a vida do homem por fases do desenvolvimento é o mesmo que desconsiderar as inúmeras possibilidades que podem surgir, é o mesmo que negar sua individualidade.

Existe um jogo de possibilidades entre a determinação e a indeterminação que caracteriza o espírito do homem. Desta forma, o homem só pode determinar-se a partir do imediato, no qual pode realizar-se e as possibilidades vem da indeterminação. Todo homem, seja adulto ou criança, é marcado pela indeterminação e liberdade como possibilidade, pois a própria indeterminação abre espaço para a liberdade. (FEIJOO; PROTASIO; GRILL, 2015).

Para Freitas (2015) não existe diferenciação do entendimento fenomenológico entre um adulto e uma criança porque ambos estão no mundo e partilham das mesmas condições existenciais – histórica e humana. Segundo a autora, a criança não é um adulto em miniatura, ou um preparo para o mundo adulto, nem é proveniente de outra natureza diferente da do adulto.

Entretanto, é evidente que a existência das particularidades do período infantil precisa de uma atenção diferenciada, evitando ao máximo o olhar adulto sobre as vivências de uma criança. Conforme Freitas (2015) explana em seu texto, existem poucos registros de uma criança a respeito de sua visão da infância, e a justificativa está na desvalorização da criança e de suas experiências realizada durante muito tempo pelos adultos.

Então, a forma de tentar compreender a criança e suas experiências a partir de sua condição e não da condição de adultos, de acordo com Freitas (2015), é através da fenomenologia que sugere um retorno “as coisas mesmas”, ou seja, da mesma forma como elas se exibem na experiência vivenciada. Ao mesmo tempo em que este método pode contribuir para o entendimento sobre a criança e suas experiências, reconhece a dificuldade opaca do adulto em perceber o fenômeno infantil.

Esta opacidade do adulto com relação à infância, para Freitas (2015), é a mesma visão opaca dos vivos com relação à morte, porque esta é uma condição de impossibilidade, em que as experiências não possuem sentido, dificultando compreendê-las. Por este motivo, a autora ressalta que observar o mundo sem estar presente nele, é impossível, porque é preciso estar na atualidade de sentido.

A mesma autora cita em seu manuscrito as teorias distintas de Husserl e Merleau-Ponty que contribuem para a compreensão a respeito do mundo-da-vida da criança através das vivências dela, apenas descrevendo o seu mundo experiencial.

Freitas (2015) salienta que ambos os autores concordam que a corporeidade é fundamental para a formação da consciência de si e do outro desde a gestação. Husserl, explica a respeito da consciência de si nomeando-a como o despertar, que em sua teoria o divide em três questões essenciais, são elas: a corporeidade, a relação mãe-bebê e a linguagem. Para ele, o corpo pertence a cada indivíduo desde a sua origem, por este motivo é através da corporeidade que se torna possível ao indivíduo tomar consciência de si e diferenciar-se do outro. Merleau-Ponty, por sua vez, admite apenas que a corporeidade contribui para que aconteça a linguagem e a imitação, colaborando então, para a formação da consciência e da intersubjetividade. Entretanto, o autor citado por Freitas (2015) acredita que a corporeidade infantil de Husserl é uma noção trazida do adulto e a substitui por um ponto de vista gestáltico da corporeidade, de sempre estar no mundo.

A respeito da relação mãe-bebê, Husserl citado por Freitas (2015), afirma que para um bebê recém-nascido a mãe é a oportunidade de satisfazer os seus desejos e suas necessidades, nesta relação, particularmente, não havendo reciprocidade pois a criança está buscando a sua satisfação e a mãe dedica ao seu filho a garantia da subsistência assim como sua introdução à comunidade e ao mundo histórico, ou seja, a mãe desperta a criança para o mundo.

O recém-nascido ainda não se percebe separado de sua mãe, mas com o passar do tempo ela tende à uma diferenciação, o aspecto fundamental do despertar da criança para o mundo é a linguagem, ou seja, é o aspecto que permite a criança perceber-se distinto do outro. Aos poucos a criança vai mudando do estado de inconsciência através das suas próprias experiências com o outro e vai se descobrindo como “ego”. (FREITAS, 2015).

A autora afirma que no texto de Husserl não fica claro o momento desta diferenciação, e recorre às ideias de Toulemont (1962) que percebe esta diferenciação a partir do distanciamento corporal entre mãe e filho, permitindo que a criança se perceba e perceba os seus próprios movimentos.

Husserl (1935/1993), citado por Freitas (2015) ressalta sobre a importância da imitação reproduzida pela criança, ele afirma que a criança não imita o outro, ela imita os atos do outro para apropriar-se desta aprendizagem em direção a um objetivo no mundo.

Merleau-Ponty, por sua vez, percebe a criança como um indivíduo motor justificando que a própria corporeidade acaba por se tornar uma potente compreensão da corporeidade do outro. (FREITAS, 2015).

Freitas (2015) afirma que Husserl contribuiu com o conceito de voltar às coisas mesmas, que evidencia as próprias experiências. Portanto, para estudar uma criança se faz necessário abandonar construções hipotéticas a priori que definam a criança e seus comportamentos, ao contrário, deve-se buscar uma forma de aproximar ao máximo e descontextualizar a experiência da criança sob o olhar adulto. E para a autora o despertar da criança para o mundo é simultâneo ao despertar de si, em que a criança movimenta-se rumo à sua realização, e este é um despertar contínuo.

Com base na fenomenologia, Freitas (2015) e os autores Feijoo, Protasio e Grill (2015) salientam a necessidade de criação de novos métodos de investigação e compreensão da criança que fujam aos modelos positivistas que tradicionalmente embasam as teorias do desenvolvimento humano.

2.1 O desenvolvimento humano na visão da Gestalt-terapia

No início deste capítulo, foi realizado um resgate dos aspectos discutidos nos capítulos anteriores sobre o desenvolvimento humano para em seguida adentrar na teoria desta abordagem.

Os autores Aspesi, Dessen e Chagas (2005) afirmam que apesar dos avanços científicos do século XX, as teorias do desenvolvimento humano continuam com inúmeras limitações devido aos paradigmas cartesianos e positivistas. Esses estudos tendem a uma visão dicotomizada do desenvolvimento com discussões oponentes sobre estágios do desenvolvimento e diferenças culturais, indagações sobre a primazia de influências genéticas ou ambientais, sem preocupação com o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida, priorizando as etapas de infância e adolescência. Esses estudos se deram de forma alienada do contexto relacional e cultural. Apenas no século XXI surgem movimentos em busca de consolidar um paradigma mais integrador e cultural que destaque o valor da cultura e dos contextos sociais no desenvolvimento, valendo-se de uma perspectiva interacionista do desenvolvimento humano.

Nas perspectivas interacionistas, da qual a Gestalt-terapia se alinha, que pressupõe uma interação dinâmica entre indivíduo e ambiente, a compreensão do ambiente se torna um aspecto fundamental. Para Magnusson e Allen (1983) as ideias de Lewin (1948) e sua definição de campo permitiram uma compreensão menos linear do processo interacional indivíduo e ambiente: a pessoa e seu ambiente não podem ser considerados entidades separadas.

Lewin (1948, citado por Magnusson e Allen, 1983), defende que o ambiente tem que ser considerado numa perspectiva fenomenológica, ou seja, o ambiente tal como é percebido pelo indivíduo em contraposição ao espaço geográfico ou objetivo. A concepção de "espaço vital" é de que o ambiente é a totalidade de fatos que influenciam o comportamento do indivíduo num dado momento.

Assim como a fenomenologia, as ideias de Lewin e sua teoria de campo também tiveram forte impacto na teoria da Gestalt-terapia e no que se refere a compreensão da interação organismo – ambiente:

[...] Só a interação do organismo e ambiente constitui a situação psicológica, não o organismo e o ambiente tomados em separado. O organismo isolado e suas abstrações - mente, alma, corpo - e o ambiente isolado são o objeto de muitas ciências: por exemplo, fisiologia, geografia, etc., e não dizem respeito à psicologia. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, P. 1997, p.36)

Para Yontef (1998), importante autor da Gestalt-terapia, Lewin (1948) compreende o campo como uma teia de relacionamentos que envolve a pessoa e todo seu contexto de relações. O "espaço vital" pode ser compreendido como o campo onde ocorrem todas as atividades psicológicas da pessoa e compreende todos os eventos passados, presentes e futuros que lhe são significativos.

Desta forma, ressalta-se que o desenvolvimento do indivíduo só pode ser compreendido considerando suas relações, seu entrelaçamento com o contexto, pois sua existência se dá de forma inextricavelmente relacionado ao ambiente em que vive.

A Gestalt-terapia para Aguiar (2015) é uma crítica às outras teorias sobre o desenvolvimento que comparam, reduzem e trazem uma concepção predeterminada e naturalizada a respeito dos indivíduos.

Para Perls, Hefferline e Goodman (1997) citado por Aguiar (2015) não há necessidade de desenvolver uma teoria específica sobre o desenvolvimento humano, pois os conceitos de autorregulação orgânica e ajustamento criativo já são uma teoria sobre esta temática. Complementando este pensamento a autora cita McConville (2003) afirmando que a visão sobre o ser humano está em movimento por ser um processo que envolve as vivências relacionais, e do campo.

Para Antony (2007) a GT busca compreender a totalidade do indivíduo de forma singular. O desenvolvimento, por sua vez, é visto pela autora de forma multidimensional considerando que os aspectos biológico, psicológico e ambiental são interdependentes. É portanto, através das relações entre o meio e o organismo que se busca compreender a totalidade, pois há uma reciprocidade nas relações que revelam o seu funcionamento.

A autora afirma que a GT reconhece que as experiências de cada organismo são individuais e imprevisíveis, havendo sempre a possibilidade do novo e que não há certeza alguma sobre a trajetória da vida, pois o cotidiano revela situações inusitadas que se dão através

das vivências relacionais (ANTONY, 2007). Para ela, então, a criança em desenvolvimento é uma combinação entre as potencialidades inatas com as influências do ambiente social e cultural internalizadas através das relações que vão sendo estabelecidas desde o seu nascimento.

Lizias (2010) diz que a criança é um ser no mundo, ela é um “ser-criança” com várias possibilidades existenciais no aqui e agora. Portanto, a GT tenta compreender o fenômeno através da individualidade, das experiências e relações de cada criança.

Antony (2007) afirma que nas relações entre o ambiente e a criança; as mudanças acontecem mutuamente, desta forma, estas relações são nomeadas de co-regulação. Isto posto, mesmo que o ambiente sofra poucas mudanças, a criança está se transformando, mudando em todas as suas dimensões pois ela não para, em momento algum de sua vida, de se desenvolver.

O curso do desenvolvimento para a Gestalt-terapia tem o seu início quando ainda não existe uma diferenciação entre o bebê e o mundo, definida através da total dependência do bebê ao adulto, e segue rumo à crescente diferenciação até a autonomia. Autonomia não é autossuficiência, é ter consciência e ter condições de escolher quando precisa do outro e como buscar a ajuda que necessita (AGUIAR, 2015).

Para a autora existe um processo de introjeção que permite que a criança vá aos poucos adquirindo conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Com o passar do tempo ela vai aprendendo também, gradativamente, a noção de certo e errado. Mas, para que isto ocorra é indispensável que a criança esteja em um “ambiente seguro” fornecido pelo adulto, organizado de forma que seja previsível a sua rotina. É o adulto quem faz a tradução sobre o mundo para a criança; mas como ela ainda é pequena, e não apresenta as funções cognitivas bem desenvolvidas, ela não questiona e acaba acreditando em tudo que o adulto fala como uma verdade absoluta (AGUIAR, 2015).

A tradução do mundo para a criança feita pela mãe, esta tradução varia pela individualidade de cada relação (de cada mãe com seu filho). Algumas mães tem mais dificuldade de estimular seu filho a conquistar aos poucos a autonomia citada acima, e aí surge uma confluência prolongada de co-dependência emocional como será explicado abaixo.

[...] A confluência é o mecanismo psicológico que traduz a relação de dependência mútua entre mãe -criança, onde há pouca diferenciação de fronteiras. A angústia de

separação vivenciada pela criança (e, por vezes, pela mãe), a qual teme o próprio aniquilamento ou o da mãe frágil, cria uma obstrução no processo de individuação e autonomia. Essa criança que sofre com a separação acredita que a mãe não sobrevive longe dela, assim como ela se vê desamparada longe da mãe. Por outro lado, a mãe insegura que necessita da criança para afirmar a sua importância e cujo conflito traduz “eu necessito que meu filho necessite de mim”, reforça essa relação fusional de dependência emocional e apego inseguro. (ANTONY, 2009, p. 369)

Porém, se a mãe não apresenta dificuldade em promover uma tradução do mundo para seu filho de forma que incentive o desenvolvimento da autonomia da criança; acredita-se que conforme o crescimento, os recursos cognitivos, físicos, emocionais e sociais da criança vão sendo ampliados, possibilitando uma maior inserção dela ao mundo rumo à diferenciação e independência da mãe (AGUIAR, 2015).

Entretanto, para que haja um crescimento rumo à independência da criança se faz necessário também um rompimento com a mãe, para que desta forma a criança possa experienciar; explorar o mundo. Este rompimento é no sentido de dar espaço para que a criança possa experienciar o mundo. Aguiar (2015) ao citar Fernandes (2000) afirma que existe uma substituição gradativa desta confluência para uma outra forma de vínculo chamada de apego.

Para a autora, o apego é um comportamento que servirá como um suporte para que a criança possa utilizar como referência para passar por desafios e perceber seus limites. Pois a criança precisa de um lugar seguro para vencer seus medos e criar forças para continuar nas suas descobertas. Desta forma a criança poderá se reorganizar e continuar buscando sua autonomia. (AGUIAR, 2015)

A autora ressalta que só é possível a diferenciação quando a criança passa a questionar as introjeções de seu ambiente, para tornar-se um ser único em seu meio. Antony (2009) diz em seu artigo que: “Em Gestalt-terapia, a introjeção é definida como o processo primário de internalização de crenças, valores, pensamentos transmitidos pelos pais, pela cultura e outros ambientes significativos, que interferem e também contribuem na constituição da subjetividade da criança.” (ANTONY, 2009, p. 360).

Desta forma, em consonância com o pensamento de Aguiar (2015), a autora ressalta que a introjeção é uma forma de distorção da capacidade de percepção da criança de reagir

criativamente, o que a prejudica em seu acesso saudável ao mundo. Por este motivo é necessário o desenvolvimento crítico da criança, no sentido de questionar o que está posto.

Aguiar (2015) afirma que a criança passa a dizer “não” quando percebe que as necessidades externas são diferentes das suas próprias necessidades. Portanto, para a autora, conforme a criança vai crescendo, ela vai adquirindo habilidades para satisfazer suas necessidades e que possibilitam à ela maior inserção no mundo. A autora ainda ressalta que este momento é prazeroso para a criança, pois ela passa a perceber que ao discordar e se contrapor, está marcando sua individualidade, a singularidade de suas necessidades para o mundo.

D’Acri (2014) escreveu a seguinte frase: “[...] nenhum organismo é autossuficiente e busca no meio a satisfação de suas necessidades”. Portanto, é no meio que a criança vai buscar satisfazer suas necessidades, é nas relações entre organismo e meio.

Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014) ressaltam que de fato o desenvolvimento e o crescimento acontecem através da interação entre o organismo e o meio pois é a partir desta troca que surge a possibilidade de entrar em contato com o novo, o diferente. Esta interação segundo as autoras tem o nome de contato.

D’Acri (2014) diz que “o contato remete à ideia do organismo em um campo e às interações entre eles” (p. 33). Portanto, contato é a experiência, a troca obtida por meio da interação entre o organismo e o meio. A autora ao citar Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirma que o contato acontece por meio da fronteira de contato que está entre organismo/meio.

Ao falar sobre a fronteira de contato; Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014) fazem uma alusão deste conceito com a membrana citoplasmática que tem a função de controlar a relação com o meio extracelular, selecionando o que é nutritivo e eliminando o que não é mais necessário para a célula, pois a fronteira de contato ocorre desta mesma forma. As autoras ainda reiteram que esta fronteira não possui uma divisão geográfica, pois assim como o campo, possui características psicológicas no sentido perceptivo.

O organismo entra em contato - interage - com o meio por intermédio das funções de contato (AGUIAR, 2015). A autora cita Polster (2001, p.65) que intitula sete funções de contato, são elas: “visão, audição, tato, paladar, olfato, linguagem e movimento corporal”. Para a autora cada uma destas funções tem uma configuração singularizada, que se organiza por

meio da lógica figura/fundo; de forma que a depender das circunstâncias momentâneas há predominância de uma sobre as outras.

Aguiar (2015) salienta que a criança precisa desvendar o meio utilizando-se de todas estas funções de contato, pois o desenvolvimento destas possibilita à criança mais possibilidades de ajustamentos criativos, de forma que o mundo seja para ela, estimulante.

Para Cardella (2014) ajustamento criativo é a capacidade de pessoalizar as experiências no campo organismo/meio, pois envolve a habilidade de marcar os acontecimentos da vida, tornando-os singulares. A autora cita Perls (1988) que diz: “o problema é sempre velho, mas a energia investida é sempre nova” (p. 118). Portanto, o ajustamento criativo possibilita o crescimento que está voltado para o novo.

Fernandes (2016) afirma que a criança está constantemente em contato com a novidade, por este motivo frequentemente demonstra curiosidade ao que é novo, e parece lidar bem com isso. Segundo a autora, diante do novo a criança costuma agir de forma criativa, experimentando, errando e acertando até aprender a se relacionar com o meio.

A exceção ocorre quando o ajustamento criativo são reações autorreguladoras precárias/disfuncionais, que se cristalizaram. Neste caso, aparece o sintoma, o adoecimento e uma forma agir defensivamente (CARDELLA, 2014). Aguiar (2015) afirma que “o que diferencia o ajustamento criativo dito saudável do não saudável é basicamente a forma como a interação criança/mundo regida pelo processo de autorregulação acontece” (p. 81).

Fernandes (2016) ao citar Frazão (1991) explica que o ajustamento criativo foi funcional em um determinado momento, mas por meio da repetição acabou tornando-se disfuncional, pois não se adequam às demais situações vivenciadas pelo indivíduo. A autora ainda reitera que os comportamentos que costumavam ser saudáveis inicialmente, sofreram bloqueios, cristalizando (tornando os repetitivos), de forma a se tornarem insuficientes e inadequados no momento presente, ocasionando problemas e até transtornos.

Portanto, para Aguiar (2015), é na interação com o mundo que deve ocorrer a satisfação das necessidades do indivíduo; de modo hierárquico, por grau de importância da necessidade. Para isto, a pessoa precisa ajustar-se criativamente de formas diferentes a cada situação

específica de sua vida, conforme sua necessidade. Isto, para a autora, se caracteriza como um funcionamento saudável.

Lima (2014) afirma que o ser humano ao estar diante de um impedimento da satisfação de uma necessidade gera frustração, e esta, na maioria das vezes, é fundamental pois permitirá que o indivíduo busque novos recursos e alternativas para se autorregular. Para exemplificar a autora cita Perls (1977, p.50) que diz assim: “sem frustração não existe necessidade, não existe razão para mobilizar os próprios recursos, para descobrir a própria capacidade...” (p. 91). Portanto, a frustração permite que a pessoa esteja se ajustando criativamente em busca da sua autorregulação, de forma constante.

A autorregulação também é chamada de homeostase, pois busca o equilíbrio da satisfação das suas necessidades mantendo a interação com o meio; envolve a totalidade do organismo (LIMA, 2014). A autora ressalta que para que a autorregulação aconteça, é indispensável que o organismo se utilize de seu potencial criativo. É através da criatividade que a pessoa poderá agir e expressar-se de diferentes formas em busca de sua realização.

Em contrapartida, a autora afirma que ao mesmo tempo que o ser humano busca a homeostase, o equilíbrio, as necessidades estão constantemente mudando. Enquanto algumas necessidades estão em processo de fechamento, outras estão surgindo. Portanto, é preciso aprender ao longo da vida a lidar com a vasta demanda das necessidades, no sentido de deliberar e escolher o melhor para aquele momento (LIMA, 2014).

Em vista disso, para que a criança crie esta percepção, é necessário que tenha vivenciado a confirmação em seu meio familiar. Aguiar (2015) em sua obra, reconhece a importância da confirmação para um desenvolvimento adequado da criança, pois é através da confirmação que a criança conseguirá estabelecer formas salubres de contato consigo mesma e com o mundo. Para a autora, a grande dificuldade dos pais é de confirmar sentimentos que não são adequados como a raiva, por exemplo. Confirmar não é aceitar, mas fazer a criança compreender que este é um sentimento sentido por todos, que é preciso ter cuidado com ele, mas que apesar de senti-lo, não irá perder o amor das outras pessoas (AGUIAR, 2015).

Aguiar (2015) afirma que confirmar os sentimentos da criança significa confirmar a existência do sentimento para que ela aprenda a lidar com ele de forma satisfatória. Mas que geralmente, as famílias tendem a punir as ações que são inadequadas ou inconvenientes e

confirmam apenas o que consideram adequadas, de forma a promover a cristalização da criança em apenas um polo. Dessa forma, acabam prejudicando na criança mais possibilidades de ajustamentos criativos como alternativa diante das situações, pois não aprenderam a lidar com determinados sentimentos.

Fernandes (2016) reitera que é com base nas interações iniciais que a criança consegue estabelecer as suas futuras relações. A criança passa a se vincular com as pessoas a partir do que ela já vivenciou nas relações familiares. Por este motivo a importância da confirmação; ela é fundamental para dar à criança, a autoestima elevada com a finalidade de promover o desenvolvimento de suas habilidades para que ela aprenda a conviver em sociedade. Mas além da confirmação, a criança precisa de suporte.

Andrade (2014, p.147) afirma que: “o vocábulo suporte refere-se ao conjunto de recursos desenvolvidos pela pessoa ao longo de sua existência que estão disponíveis a serviço de si mesmo e do outro”. A autora afirma que o suporte é fundamental para o estabelecimento de qualquer contato, e a falta dele pode desencadear em ajustamentos criativos disfuncionais tanto em sentimentos quanto em comportamentos, como por exemplo: “ansiedade, vergonha, insegurança, rigidez, timidez, baixa autoestima e dependência do outro” (p. 148).

Perls (1988) citado por Andrade (2014) divide o suporte em dois, são eles: autossuporte e heterossuporte, e estes possuem uma comunicação recíproca durante a vida inteira do indivíduo. Para a autora, heterossuporte está relacionado ao apoio externo/ambiental, vindo de fora; o autossuporte, por sua vez, é o autoapoio.

Para Andrade (2014, p. 150) desenvolver-se é passar do heterossuporte para o autossuporte, ou seja, é conseguir aos poucos “andar com as próprias pernas”. Pois a partir da experiência de desprender-se do outro, o indivíduo vai ampliando seus recursos para lidar com as diversas situações de sua vida, desta forma, vai vivenciando o crescimento.

Perls (1977a) citado por Andrade (2014) explica que a pessoa possui duas possibilidades de escolha em sua vida. A primeira diz respeito ao crescimento, à aproximação de si mesmo, do seu potencial e de suas potencialidades. A segunda refere-se à permanecer estático onde está, manipulando continuamente o mundo ao seu redor. A pessoa que faz esta escolha dependente do outro, terceirizando as decisões de sua própria vida.

Em síntese, a aproximação de si por meio da diferenciação do outro, permite ao indivíduo além da autonomia a ampliação da consciência. Isso configura a saúde do indivíduo, o seu crescimento, o desenvolvimento do autossuporte e autorregulação (CAMPOS, 2011). A autora ressalta que para GT o conceito de saúde diz respeito à preservação do contato benigno consigo - que considera a hierarquia de necessidades do indivíduo, sem desconsiderar o contexto para que ele possa realizar suas escolhas – visando o equilíbrio e responsabilizando-se pelos próprios atos.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral desse estudo é compreender o desenvolvimento da criança numa perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia, valendo-se da análise de uma obra cinematográfica. Isto posto, cabe ressaltar que os objetivos específicos são: a) discutir o desenvolvimento humano na perspectiva da Gestalt-terapia; b) analisar o processo de autorregulação infantil e ajustes criativos realizados pelo protagonista do filme; c) debater sobre o papel das relações sociais e familiares no processo de desenvolvimento infantil.

O presente estudo pretende discutir aspectos da vivência do protagonista, “Jack”, de cinco anos de idade, do filme “O quarto de Jack” fazendo uma leitura fenomenológica das experiências vivenciadas decorrer da trama narrada.

Andrade e Holanda (2010) afirmam que a proposta da fenomenologia é retornar às coisas mesmas, que significa, voltar à origem, tendo como base a própria realidade. Os autores ressaltam que a conduta da fenomenologia de retornar às coisas mesmas, traz o novo em forma de experiência e conhecimento.

De acordo com Merleau-Ponty (1999), citado por Andrade e Holanda (2010, p. 262), “retornar às coisas mesmas é regressar ao mundo tal qual ele surge, anteriormente à consciência”. Em seguida os autores citam Husserl (1992) que salienta a relação entre mundo e consciência destacando a intencionalidade, pois acredita que há uma correlação essencial entre ambos. A consciência do pesquisador para a Fenomenologia, geralmente é associada à “intencionalidade, sentido e existência” (p. 262).

Entretanto, o uso deste termo vai além da cognição, pois o termo refere-se à uma relação existencial do sujeito com o seu mundo. Portanto, a “existência” é a forma como o sujeito expõe

seu posicionamento diante da vida. (GIORGI, 1978, citado por ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Além disso, conforme o que foi dito anteriormente, Freitas (2015) reconhece a dificuldade opaca do adulto conseguir perceber o fenômeno infantil. Esta opacidade do adulto com relação à infância, para Freitas (2015), é a mesma visão opaca dos vivos com relação à morte, porque esta é uma condição de impossibilidade, em que as experiências não possuem sentido, dificultando compreendê-las.

[...] A premissa que consiste em interrogar o fenômeno como se ele estivesse sendo observado pela primeira vez direciona a maneira pela qual o pesquisador irá inserir-se na pesquisa. Para chegar à experiência vivida do sujeito, é necessário que o pesquisador procure colocar “entre parênteses” os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre o objeto investigado. É por isso que o método fenomenológico não prescinde das hipóteses; embora a pesquisa necessite ter uma direção, ela não se deixa conduzir por um caminho já conhecido, pois se trata de direções rígidas e previamente fixadas (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 264).

Em função disso, cabe ressaltar que o presente estudo trata-se da observação do fenômeno sob um ângulo, mas são vastas as possibilidades de discussão a respeito do mesmo fenômeno.

Conforme o que foi dito anteriormente, o filme escolhido foi “O quarto de Jack”, pois este é um filme que tem como foco a percepção da criança sob os acontecimentos de sua vida. Segundo Freitas (2015), existem poucos registros de uma criança a respeito de sua visão da infância.

A escolha de um filme para realizar este estudo, se justifica por acreditar que o filme é uma forma de expressão da sociedade dotada de muitos significados. Turner (1997) afirma que para compreender a utilidade do cinema é preciso visualizá-lo como uma forma de comunicação gerador de significados da própria cultura. Portanto, uma produção cinematográfica é capaz de reproduzir experiências vivenciadas pelas pessoas de uma dada sociedade.

Cruz e Guareschi (2007), revelam que um filme não é produzido de forma independente, ele depende de um público. E este, a depender da forma de como processa esta produção cinematográfica, poderá ter efeitos poderosos e ainda mais reais. Desta forma, infere-se que a

partir do estudo de um filme, é possível compreender o funcionamento de uma sociedade, não por completo, mas um recorte deste funcionamento.

O método fenomenológico é a “descrição das experiências vividas”, portanto, a fenomenologia existencial foca no significado das experiências para o indivíduo (Creswell 1998, citado por Holanda 2006). O autor ressalta que este é um método descritivo compreensivo que permite que o fenômeno fale por si, que se sobressaia o significado da experiência para o próprio sujeito. Gil (2012, p. 567) acredita que “como o pensamento fenomenológico é essencialmente descritivo, os pesquisadores não privilegiam a generalização”.

Os passos que serão seguidos no presente estudo são os de Gomes (1997), citado por Andrade e Holanda (2010). Estes três passos foram descritos como reflexivos, pois possibilitam estudar a experiência, são eles: “descrição fenomenológica, redução fenomenológica e interpretação fenomenológica” (p.265).

A descrição do objeto deve ser feita pelo pesquisador como se fosse o seu primeiro acesso, portanto é preciso que ele deixe suspenso seus pré-conceitos, como se não o conhecesse. No entanto, da mesma forma que não é possível colocar a experiência entre parênteses por completo, a descrição também não é completa para os autores Dias e Gomes (1999); Gomes (1997); Merleau-Ponty (1999) citados por Andrade e Holanda (2010, p.265).

Em seguida é realizada uma “exploração exaustiva do material descrito”, neste momento é preciso identificar o que é essencial para ser trabalhado. Esta organização para realizar uma nova descrição, termina por ser uma consciência nova a respeito do objeto da experiência.

Por fim, no último passo, é revelada a intencionalidade da consciência para o objeto da experiência, ou seja mostrar qual é o sentido que aquele objeto imprimiu no pesquisador, na consciência.

3.1. Resumo do filme

Filme: “O quarto de Jack”

Título original: *Room*

Data de lançamento no Brasil: 18/02/2016

Produção: Canadá e Irlanda

Gênero: Drama

Direção: Lenny Abrahamson

Roteiro/autora: Emma Donoghue

Elenco principal: BrieLarson (“Mã”) e Jacob Tremblay (“Jack”)

O filme foi baseado no livro de mesmo título da irlandesa Emma Donoghue, lançado em 2010. A autora do livro foi também a roteirista do filme. Esse filme foi indicado melhor filme em 2016, concorrendo ao Oscar nas categorias: melhor filme, melhor roteiro adaptado, melhor direção e melhor atriz.

Os protagonistas do filme são “Jack” e “Joy”. “Jack” é um menino de cinco anos de idade, filho de “Joy” com vinte e quatro anos, a quem ele chama de “Mã”. “Joy” foi sequestrada pelo velho Nick há sete anos e há cinco deu a luz ao “Jack”. O garoto nunca teve contato com o mundo real, portanto, tudo o que ele conhece é o quarto, o que sua mãe lhe conta e explica sobre as coisas e o que ele assiste na TV. Grande parte do filme acontece dentro do quarto, com aproximadamente dez metros quadrados. É o sequestrador que leva o que os protagonistas precisam pra sobreviver naquele espaço, como alimentos, roupas, remédios. Por muitas vezes, “Jack” permanece dentro de um armário enquanto a mãe recebe a visita do “velho Nick”, pois “Joy” evita o contato entre o filho e o sequestrador.

Quando “Jack” completa cinco anos de idade, “Joy” decide contar a verdade para ele, que foi sequestrada pelo “velho Nick”, que existe um mundo fora do quarto, que ela tem mãe e pai e portanto, que “Jack” um avô e um a avó, que existem árvores, animais e pessoas de verdade lá fora. Começa então a bolar um plano para que consigam sair do quarto, e simulam a morte de “Jack” que é retirado do quarto, pelo sequestrador.

A partir de então o filme passa a narrar as vivências dessa criança e de sua mãe no mundo fora do quarto, ilustrando as dificuldades vivenciadas por ambos nesse processo.

3.2 Procedimento de análise dos dados

A pesquisadora assistiu ao filme e fez sua transcrição localizada no Apêndice A. Após sucessivas leituras da transcrição, o material foi organizado em cenas, estas foram enumeradas

de 01 a 80 em sequência. Cada cena foi categorizada em função de sua temática predominante, conforme pode ser observado no Apêndice B.

As cenas foram definidas em função do tema apresentado, portanto, toda vez que havia mudança no tema, considerava-se uma nova cena.

Ressalta-se que o orientador participou juntamente com o pesquisador da elaboração das quatro unidades de sentido, a saber:

- a) Vivências de “Jack” durante permanência no quarto: o campo geográfico e o campo vital
- b) Saindo do quarto e as vivências fora do quarto: reconfigurando a representação do mundo
- c) Ampliando os contatos com o mundo e afastando-se da mãe
- d) As vivências da mãe de “Jack”

Optou-se por construir as unidades de sentido de forma a contemplar a ordem cronológica em que a narrativa do filme ocorreu. Desta forma, acredita-se que facilitará a compreensão do percurso percorrido por “Jack”. Primeiramente serão discutidas as: “Vivências de “Jack” durante a permanência no quarto” utilizando-se dos aspectos teóricos; o segundo momento observado como marcante é a: “Experiência da saída do quarto” que possibilita entrar em contato com novos conhecimentos; depois, o momento se refere ao: “Aprendizado adquirido com o afastamento da mãe”; e por fim, observou-se a necessidade de abordar sobre a experiência da mãe, por este motivo, intitulou-se desta forma: “Considerando a vivência da mãe”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

As unidades de sentido embasarão uma discussão da vivência do protagonista do filme em questão. Ao longo da análise e discussão do filme, apresentada posteriormente, pretende-se compreender as vivências de “Jack”, no filme “O quarto de Jack” como indivíduo singular, relacionando sua experiência com o arcabouço teórico explorado na revisão de literatura desse estudo. Para ilustrar a discussão, utilizou-se alguns trechos das cenas transcritas, destacadas em itálico.

4.1 Vivências de “Jack” durante permanência no quarto: o campo geográfico e o campo vital

Segundo Aguiar (2015), a natureza das relações e a maneira como elas acontecem, é o que nos possibilita observar a verdadeira dimensão da totalidade dessa pessoa. Portanto, D’Acri (2014) afirma que é na relação em que a criança vai buscar satisfazer as suas necessidades, pois ninguém é autossuficiente.

Nesse sentido, é possível perceber que “Mã” está em contato criativo e atento com “Jack”, estabelecendo uma relação de cumplicidade e cuidado, percebendo as necessidades do filho e esforçando-se ao máximo para satisfazê-las. “Jack”, por sua vez, também satisfaz necessidades de “Mã” da mesma forma. Na cena 10, um fato chama a atenção, que além de satisfazer muitas das necessidades do menino como fazer atividades físicas, o bolo de aniversário para ele, ela ainda amamenta “Jack”, aos cinco anos de idade.

Desta maneira, pode-se observar que essa relação mãe e filho, tal como vem sendo constituída nesse espaço, parece suprir as necessidades dessa criança, funcionando como um heterossuporte necessário à sua existência. Observa-se que apesar das limitações impostas pela condição vivida, a mãe se esforça para atender as necessidades de “Jack” e protegê-lo de Nick, o sequestrador. Isso pode ser observado em várias cenas como: Na cena 05, “Mã” ensina “Jack” a escovar os dentes; na cena 06 “Mã” mede “Jack” para mostrar à ele o quanto ele já cresceu; na cena 08 ela faz atividades físicas com “Jack”, incentivando-o a se alongar e a correr; na cena 09, “Mã” cozinha junto com “Jack”, ensinando-o a fazer bolo, na cena 10 ela o esconde no armário para não ter contato com Nick.

Portanto, é através da relação também, que “Joy” vai transmitindo à criança aspectos relativos ao mundo, e a criança, por sua vez, vai internalizando.

Para Aguiar (2015) este processo de introjeção possibilita à criança adquirir conhecimentos relacionados ao próprio funcionamento, assim como ao que diz respeito ao outro e também sobre o mundo. É através da introjeção que a criança vai adquirindo, inclusive, noções de certo e errado, pois é o adulto quem faz para ela a tradução do mundo.

Ademais, quando a criança ainda é pequena, não possui funções cognitivas bem desenvolvidas, não questiona e acredita em tudo o que o adulto transmite (AGUIAR, 2015). Por este motivo, é preciso ter cautela com o que é dito e da forma como é transmitido.

No filme, é possível observar claramente que “Mã” desempenha este papel durante todo o tempo, mas principalmente quando está dentro do quarto. Pelo fato da criança não ter tido até os cinco anos de idade contato com o mundo externo, pois eles estavam confinados num pequeno mundo ampliado pela imaginação e fantasia, é a “Mã” quem faz a intermediação entre o mundo externo e a criança.

Na cena 12 mostra a primeira perspectiva de “Jack” com relação ao mundo transmitida por sua mãe, em que a realidade se mistura com fantasia e ele não sabe separar ainda o que é real ou não:

Depois de não conseguir ver mais nada, se deita novamente, se cobre até a barriga, mexe no armário e começa a contar

1,2,3...

Logo em seguida, representando o pensamento de Jack, a voz dele diz:

“E depois tem um espaço sideral com todos os planetas da TV, depois o céu; as plantas são reais, mas as árvores não, as aranhas também são reais, e uma vez o mosquito sugou o meu sangue; mas esquilos e cachorros, só na TV, tirando o Luki, o meu cachorro que vai chegar um dia. Os monstros são grandes demais para serem reais, e o mar também, as pessoas da TV são achatadas, e feitas de cores, mas eu e você somos reais, o velho Nick eu não sei se é real, talvez só metade”.

E Jack continua contando:

- 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51... e pega no sono.

(APÊNDICE A)

Quando “Jack” faz cinco anos, eles passam por uma situação de privação de recursos oferecidos pelo sequestrador, como falta de luz e aquecimento, escassez de alimentos; a mãe parece identificar como ameaça à sobrevivência dela e do filho (Cenas 11 e 19). Aqui a mãe se vê pensando em alternativas, lançando mão de novos ajustes criativos que garantam a sobrevivência dela e do filho que estava ameaçada.

Essa situação ilustra o que a literatura argumenta: As frustrações e/ou ameaças impulsionam novos ajustes criativos (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Nesse momento, “Mã” resolve então contar a verdade a “Jack” e isso desencadeia um conflito em “Jack” que até então acreditou que esse pequeno mundo era essa mistura de realidade com fantasia e parecia lidar bem com isso, até ela trazer para ele outra realidade tal como ela é num contato maior. Um mundo completamente diferente, do vivido até então. “Jack”

tinha confiança plena na mãe, por este motivo não queria aceitar a realidade, ou o fato dela ter mentido antes, como aparece na cena 23:

Em seguida mostra Mã sentada com a mão acima da fatia de pão que estava em seu prato com um doce nele sobre a mesa. Ela está pensativa, olhando para frente, quando Jack a chama.

- Mã? (Jack)

Mã sai da posição em que estava de pensativa, olha para Jack e diz:

- Jack, você se lembra do rato? (Mã)

- Sim! (Jack)

- Sabe onde ele tá? (Mã)

Gesticulando com a cabeça Jack diz não, Mã fez uma expressão com o rosto e continuou:

- Huum. [...] Eu sei, ele tá do outro lado dessa parede! (Mã)

- Que outro lado? (Jack)

- Jack, tudo tem dois lados! (Mã)

- Um octógono não! (Jack)

- É! Mas... (Mã)

- Um octógono tem oito lados! (Jack)

- Mas uma parede, tá? Uma parede é assim, estamos do lado de dentro, e o rato tá do lado de fora! (Mã) Enquanto ela fala, gesticula com as mãos para explicar.

- No espaço sideral? (Jack)

- Não! No mundo, é mais perto que o espaço sideral! (Mã)

- Eu não consigo ver o lado de fora! (Jack)

- Olha! Eu sei que te disse outra coisa, mas você era muito novo, eu achei que você não iria entender, mas agora, você está mais velho, tá inteligente, eu sei que vai entender. [...] Onde acha que o velho Nick consegue nossa comida? (Mã)

- Com mágica, da TV! (Jack)

- Não tem mágica. Aquilo que você vê na TV, são imagens de coisas reais, pessoas reais, é tudo de verdade! (Mã)

- A Dora é real de verdade? (Jack)

- Não! A Dora é um desenho, mas as outras pessoas, tem rostos como a gente, as imagens são de coisas reais, e todas as coisas que você vê, também são reais, mares reais, árvores reais, gatos reais, cachorros... (Mã)

- Não acredito! Como eles cabem? (Jack)

- Cabendo! É possível, tudo isso cabe no mundo. Jack! Vai! Você é inteligente! Eu sei que deve pensar nisso! (Mã)

- Pode me dar outra coisa pra comer? (Jack)

Mã ao respirar olha para cima e vê uma folha na claraboia.

- Olha! Tem uma folha, tá vendo? (Mã) Ela estica o braço e aponta com o dedo para mostrar ao Jack.

- Onde? (Jack)

- Olha! (Mã)

- Não tô vendo a folha? (Jack)

Mã se levanta vai em direção ao Jack, pega ele no colo, sobe na cadeira para aproximar Jack da claraboia, enquanto diz:

- Vem cá, eu quero que você veja, dá uma olhada de perto, tá vendo? Viu? (Mã)

- Que burra Mã, não é uma folha, folhas são verdes! (Jack)

- É, nas árvores, mas caem e apodrecem, como a salada, na panela! (Mã)

- Cadê as coisas que você falou, árvores, cachorros, gatos e gramas? (Jack)

- Não conseguimos ver daqui, porque a claraboia aponta pra cima, e não pros lados! (Mã)

- Você tá me enganando! (Jack)

- Não! Eu não tô! (Mã)

- Mentirosa da língua cor de rosa! (Jack) gritando..

- Jack eu não podia explicar antes porque você era pequeno, era pequeno demais pra entender, eu tive que inventar histórias, mas agora eu tô fazendo o contrário de

mentira, eu tô desmentindo você já tem cinco anos, tem cinco anos e já é bem grande pra entender como é o mundo, você tem que entender, precisa entender, não dá pra continuar vivendo assim, você tem que me ajudar! (Mã)

- Quero ter quatro anos de novo! (Jack)

- Você se lembra que, se lembra que nem sempre a Alice estava no país das maravilhas? (Mã)

- Ela caiu muito, muito fundo em um buraco! (Jack)

- Isso, e eu nem sempre vivi nesse quarto, eu sou igual a Alice, eu já fui uma menina chamada “Joy”! (Mã)

- Não! (Jack)

- Eu morava em uma casa com a minha mãe e o meu pai, você pode chamar de vovó e vovô! (Mã)

- Que casa? (Jack)

- Uma casa, era no mundo, ela tinha quintal, tinha uma rede, a gente se balançava na rede, tomava sorvete! (Mã)

- Uma casa da TV? (Jack)

- Não, Jack! Uma casa de verdade, não da TV. Tá prestando atenção em mim? Naquele dia eu “tava” indo pra casa, eu tinha 17 anos e... (Mã)

- Onde eu “tava”? (Jack)

- Você ainda “tava” no céu. Mas tinha um cara que fingiu que o cachorro “tava” doente! (Mã)

- Que cara? (Jack)

- O velho Nick, chamamos ele de Nick, mas eu não sei qual é o nome real dele, mas ele fingiu que o cachorro dele estava doente... (Mã)

- Qual é o nome do cachorro? (Jack)

Mã coloca a mão no rosto, sobre seus olhos e começa a chorar dizendo:

- Jack, não tinha cachorro! Ele só queria me enganar, tá bom? Não tinha cachorro, o velho Nick me sequestrou! (Mã)

- Eu quero uma história diferente! (Jack)

- Não! É essa a história que vai ouvir! Ele me colocou no galpão do quintal dele, aqui, o quarto é um galpão, ele trancou a porta, e é o único que sabe a senha. Sabe os números secretos que abrem a porta? Ele é o único que sabe, eu tô trancada aqui há sete anos, eu tô aqui há sete anos, você entende? (Mã)

- Essa história, é chata! (Jack)

- Jack! O mundo é tão grande, é tão grande, que você não acreditaria e, “O quarto de Jack” é só uma parte fedida dele! (Mã) Chorando...

- “O quarto de Jack” não é fedido! Só quando você solta pum! (Jack) Chorando também...

- Meu Deus! Tá... (Mã) Ela senta e fecha os olhos.

- Eu não acredito no seu mundo fedido! (Jack)

Mã se encolhe, envolve seus braços sobre seu próprio corpo e fica se balançando e chorando, enquanto Jack se senta no chão e vai brincar com alguma coisa que estava no chão. Mã olha para cima, passa o braço para limpar seu nariz e continua olhando para cima.

(APÊNDICE A)

Contar a verdade para “Jack” fez com que “Jack” reagisse, contestasse, duvidasse, pois havia internalizado um mundo e, ao ouvir que este mundo na verdade não existe e que há um outro mundo, gera nele conflito e dúvidas. Mas ao mesmo tempo, parece que o fato de “Mã” confrontar o que estava posto por ela mesma, foi interessante para que “Jack” visse que há possibilidades novas, que há muito mais para se explorar e interiorizar conforme pode ser observado na cena 25:

Mã está mexendo com a louça enquanto Jack assiste na televisão um documentário sobre tartarugas. Mã continua mexendo na cozinha, de repente, ela encontra o carrinho que Jack tinha quebrado enquanto ela dormia; Mã olha pra ele e não diz nada. Jack, por sua vez, olhando para a televisão começa a fazer várias perguntas para Mã:

- As tartarugas são reais? (Jack)

- Sim! São reais sim. Eu tive uma de estimação... (Mã) Ela diz isso e coça a cabeça e continua mexendo na louça.

- E os crocodilos e tubarões? (Jack)

- São todos reais! (Mã) Mã sorri.

Mudando de canal, Jack continua perguntando para Mã:

- Real? (Jack) Ele fez esta pergunta quando parou em um canal que parecia estar passando uma novela de época.

- Mais ou menos. Bom! São pessoas reais, mas estão brincando de se vestirem assim, estão fingindo que são pessoas de centenas de anos atrás! (Mã) Ela explica isso indo em direção ao menino e senta-se ao lado dele no chão.

Jack continua trocando os canais e quando para em um desenho, afirma:

- Só TV! (Jack)

Mã olha para ele, cutuca ele com o cotovelo, sorri e diz:

- Tá entendendo! (Mã)

- Quando o velho Nick voltar, eu vou acabar com a raça dele! (Jack) Ele diz isso olhando para a televisão.

Mã segura a mão dele em que está o controle, pega o controle, desliga a TV, se vira ficando de frente para ele e diz:

- Me escuta! Uma vez eu tentei acabar com a raça do velho Nick. Eu me escondi atrás da porta, segurando a tampa da caixa da privada; antes tinha uma tampa ali, era a coisa mais pesada do quarto; quando ele entrou, eu quebrei a tampa na cabeça dele! Mas não deu certo! Ele trancou a porta e me pegou pelo pulso; é por isso que dói agora! (Mã)

- Nós podemos esperar ele dormir e matar ele! (Jack)

- É, nós podemos, mas e depois? A comida acabaria, e não sabemos a senha da porta! (Mã)

- E aí a vovó e o vovô podem vir! (Jack)

Ela suspira e responde:

- Jack, eles não sabem onde estamos. O quarto não tá no mapa. Jack, me escuta. Nós temos uma chance, quase perdemos, mas temos uma chance. E você vai me ajudar, vai me ajudar a enganar o velho Nick! (Mã)

(APÊNDICE A)

Nesta cena é possível perceber que “Mã” tem uma relação de confiança com seu filho. Por este motivo “Jack” sente-se seguro para confiar nela novamente e Aguiar (2015) afirma que é indispensável à criança estar em um “ambiente seguro” fornecido pelo adulto, portanto, sua rotina deve ser organizada de forma previsível. Não só em termos de rotina, mas de afeto. Acredita-se que “Mã” conseguiu estabelecer esta relação porque era baseada na confirmação e no respeito durante a vida de “Jack”.

A confirmação valoriza as vivências da criança, ou seja, o adulto reconhece os sentimentos da criança em sua totalidade para que ela aprenda a lidar consigo mesma e com o outro de forma salutar. Aguiar (2015) discute esta questão de forma clara e afirma que a grande dificuldade dos pais é de confirmar sentimentos que não são adequados como a raiva, por exemplo. Confirmar não é aceitar, mas fazer a criança compreender que este é um sentimento

sentido por todos, que é preciso ter cuidado com ele, mas que apesar de senti-lo, não irá perder o amor das outras pessoas.

No filme, esta não parece ser uma dificuldade para “Mã” porque o tempo todo ela vai confirmando “Jack”. Serão explicitadas duas cenas aqui sobre a forma como “Mã” exerce a confirmação com “Jack” em momentos conflitantes. Neste trecho da cena 09, “Jack” fica irritado com “Mã” e grita com ela por não ter velas no bolo de aniversário e ao invés dela brigar com ele, ela o abraça e acolhe seu sentimento de frustração:

Logo em seguida Jack aparece lavando a louça na pia do banheiro. Depois ele aparece sentado com as mãos em seus olhos, tampando-os à espera do bolo. Mã pega o bolo e a faca e traz o bolo até a mesa, coloca na frente dele (o bolo está com uma cobertura branca e o desenho do número 5 que ela fez com a própria faca) e diz:

- Abracadabra! (Mã)

Jack rapidamente tira as mãos dos olhos para ver o bolo, e diz:

- E as velas? (Jack) Direcionando o olhar para Mã.

- A gente não tem velas! (Mã)

- Huuuum (gemido de Jack)

- Eu sei! (Mã)

- Você falou bolo de aniversário de verdade isso quer dizer velas acesas! (Jack)

- Jack, tudo bem ficar sem velas, ainda é um bolo de aniversário! (Mã)

- Devia ter pedido velas, no presente de domingo, não um jeans idiota! (Jack)

- Desculpa, eu tenho que pedir coisas que a gente precisa, coisas que ele consegue fácil! (Mã)

- Mas o velho Nick consegue tudo, com mágica! (Jack)

- Porque não experimenta o bolo? (Mã)

- Não! (Jack) Jack grita.

- Jack, prova só um pedacinho! (Mã)

- Eu falei que não! (Jack) Gritando.

Mã respira, puxa o Jack e abraça ele dizendo:

- Vem cá! (Mã) Mã fica um tempinho abraçada com o Jack e ele diz:

- Na semana que vem, quando eu fizer 6, é bom você pedir velas! (Jack)

- É no ano que vem Jack! (Mã) E os dois continuam abraçados.

(APÊNDICE A)

A outra cena que chama muito a atenção da “Mã” exercendo a confirmação com “Jack”, é a cena 15. Neste trecho da cena, “Mã” reconhece que não agiu bem e pede desculpa para “Jack”, abraça ele e acolhe para acalmá-lo enquanto ele chora:

- Porque não falou pro velho Nick, que era o meu aniversário? (Jack)

- Ele não é o nosso amigo! (Mã)

- Ele falou que me daria um presente! (Jack)

- Não era pra você escutar, era pra você estar dormindo! (Mã)

- Eu nunca ganhei um presente! (Jack)

- Ele nunca quis dar! (Mã)

- Podia ser o meu cachorro, o Luki! (Jack)

- Jack, não podemos ter cachorro, o quarto é pequeno, não tem espaço, ele late arranha tudo... (Mã) Gritando

- O Luki não arranha, ele promete! (Jack)

- Não tem nenhum Luki! (Mã)

- *Tem sim! (Jack)*
 - *Não, não tem, você inventou na sua cabeça, ele não é real! (Mã) Ainda gritando Jack começa a chorar e Mã se comove, vai até ele pega ele no colo e, depois senta com ele no seu colo enquanto diz:*
 - *Jack, desculpa! Vem cá, vem cá... Desculpa! Tem razão, eu não fui legal! (Mã)*
Mã fica abraçada com Jack acolhendo o choro dele.
 (APÊNDICE A)

Fernandes (2016) mostra em seu texto a importância da confirmação na vida de uma criança; pois é através dela que a criança adquire a autoestima elevada e facilita no desenvolvimento de suas habilidades para que ela aprenda a conviver em sociedade. Em momento algum “Mã” coloca “Jack” de castigo ou o pune por ter feito algo de errado, o que pode ter contribuído ainda mais para o crescimento pessoal dele. “Mã”, durante todo o tempo, deu o suporte necessário para “Jack”, ou seja, o heterossuporte para que ele desenvolvesse seu autossuporte.

Andrade (2014) ressalta que precisa existir uma harmonia entre o heterossuporte (suporte externo) e o autossuporte (autoajuda) e dentro do quarto, a mãe de “Jack” fazia tudo por ele, mas ao mesmo tempo, ensinava-o para que ele conseguisse se virar sozinho. Foi observado no dia que “Mã” não levantou da cama, “Jack” se virou sozinho durante todo o dia.
 Cena 24:

Aparece eles deitados na cama dormindo. E durante a noite a luz volta acendendo o abajur. Aos poucos Jack acorda, olha para o abajur, toca nele e se vira para Mã e diz:
 - *Mã! (Jack)*
Ela abre os olhos e ele diz:
 - *Tá quente de novo!*
Ela se vira para o outro lado, dando as costas para o Jack, e ele insiste dizendo:
 - *Mã! [...] Mã! [...] Mã? (Jack) Mexendo nela para ela acordar. E ela responde com um gemido.*
Então, Jack se joga para trás deitando novamente. Cansado de tentar acordar a Mã, levanta da cama. Ele começa a fazer barulho, ela abre os olhos e depois cobre seu rosto com a cobertura. Jack abre o armário, joga algumas roupas lá dentro e depois fecha a porta. Em seguida, Jack sobe no armário, do lado da pia, pega os sucrilhos e depois aparece ele na mesa colocando os sucrilhos na tigela com o leite e a colher do lado. Ele aparece comendo o café da manhã que ele mesmo arrumou.
Em seu pensamento surge a fala de Jack e ao mesmo tempo ia mostrando a imagem de cada uma das coisas que ele ia falando:
 - *“A cobra de ovos é a nossa amiga mais antiga, e a mais especial; a colher derretida é a melhor pra comer porque é cheia de bolinhas; o labirinto é o que tem mais curvas, e ele esconde coisas para eu não saber onde elas estão; a privada, é a melhor para fazer o coco desaparecer; abajur é o mais brilhante, tirando quando não tem energia; você é a melhor em ler e cantar e várias coisas, tirando quando você, tá em um dia de morta; e eu sou o melhor em desenhar, pular e crescer, quase tudo.”*
Jack pega o seu carrinho e arranca as rodas, e depois o joga na parede. Em seguida, ele começa a brincar com um copo azul, observando as coisas através do fundo do copo. Depois brinca com a luz que entra pela claraboia, pois ela faz imagens na parede com sua sombra; quando se cansa de brincar com as sombras, ele encosta na

parede, e fica olhando para a claraboia. Por fim, pega controle da televisão, coloca em direção da Mã e fica apertando os botões, ao perceber que não aconteceu nada ele se deita ao lado dela e acaba pegando no sono.
(APÊNDICE A)

“Jack” é um menino muito esperto e vai mostrando isso durante todo o filme. Foi percebido que o campo de “Jack” é muito mais abrangente que o campo físico disponível para ele; é possível perceber um pouco na cena citada acima e em várias outras. Lewin (1948, citado por Magnusson e Allen, 1983) explicita que o conceito de campo é essencialmente fenomenológico, portanto, sua compreensão vai para além do campo geográfico, é o campo percebido pelo indivíduo. Para “Jack”, o mundo era representado pelo quarto, pela TV e espaço sideral. Portanto, seu campo psicológico era extremamente rico e possibilitou a ele manter-se saudável psicologicamente.

Para a Gestalt-terapia, a interação entre organismo ambiente se dá como um campo organismo/ambiente. E esse campo não é só físico mas social (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Em vários momentos, o filme mostra os pensamentos de “Jack” que poderiam ser usados para exemplificar como se dava sua representação de mundo. Foram escolhidas duas cenas. A primeira é neste trecho da cena 01:

*A tela fica preta e surge a voz de Jack representando o seu pensamento:
“Era uma vez, antes de eu chegar, você chorava e chorava e via TV o dia inteiro até virar um zumbi, mas aí eu descii pela claraboia junto com uma luz até o quarto “purrpshu” (faz barulho com a boca) e eu comecei a te chutar por dentro “Bum! Bum!”, aí eu caí no tapete com os olhos bem abertos, você cortou o cordão e falou Oi Jack!”. Enquanto esta frase estava sendo dita, apareceu a claraboia, e depois Jack e sua mãe na cama dormindo. Então Jack abre os olhos se levanta um pouco e apoia o cotovelo na cama olhando para sua mãe e diz: “Mã! Tô com cinco!”, ela abre os olhos, sorri e abraça ele. Ao mesmo tempo em que Jack pensa a mãe dele fala:
- Agora eu já tô velho (Jack)
- Você já é um homenzinho agora (Mã)*
(APÊNDICE A)

Nesta cena citada acima, “Jack” fala sobre seu nascimento em sua percepção. A outra cena já foi utilizada no início deste capítulo para mostrar de que modo “Jack” pensava como era a realidade antes de saber a verdade, mas agora esta cena servirá para compreendermos como o pensamento de “Jack” é vasto e permitia que ele fosse além das delimitações do quarto, em que a TV era para ele uma fonte rica de informações e de descobertas sobre o mundo. Cena 12:

Depois de não conseguir ver mais nada, se deita novamente, se cobre até a barriga, mexe no armário e começa a contar

- 1,2,3...

Logo em seguida, representando o pensamento de Jack, a voz dele diz:

“E depois tem um espaço sideral com todos os planetas da TV, depois o céu; as plantas são reais, mas as árvores não, as aranhas também são reais, e uma vez o mosquito sugou o meu sangue; mas esquilos e cachorros, só na TV, tirando o Luki, o meu cachorro que vai chegar um dia. Os monstros são grandes demais para serem reais, e o mar também, as pessoas da TV são achatadas, e feitas de cores, mas eu e você somos reais, o velho Nick eu não sei se é real, talvez só metade”.

E Jack continua contando:

- 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51... e pega no sono.

(APÊNDICE A)

Todos os aspectos discutidos acima contribuíram, no caso de “Jack”, para manter sua saúde mental dentro de um ambiente, tão pequeno e tão restrito como o quarto; mas que ao mesmo tempo pôde ser muito rico para o crescimento e desenvolvimento de “Jack” de forma saudável através da sua relação com “Mã” e seu campo psicológico.

4.2 Experiência da saída do quarto

Quando ainda estavam dentro do quarto “Mã” começou a preparar “Jack” para sua saída, pois começou a perceber que a sobrevivência dos dois estava ameaçada ao permanecer lá. “Joy” percebeu sentiu-se ameaçada quando o velho Nick disse que havia perdido o emprego há 6 meses; começou a faltar energia, depois faltou comida, vitamina para o “Jack”; e também quando percebeu que não estava mais conseguindo proteger “Jack” do velho Nick, no sentido de manter um longe do outro (Cenas 11, 19, 20 e 21).

Então, desesperada começou a planejar a fuga. Primeiro, na cena 26, “Joy” fez “Jack” fingir-se de doente porque haviam ficado sem energia e o quarto ficou muito gelado e, depois de perceber que o primeiro plano de fingir que a criança estava doente e deveria ser levada ao hospital havia falhado, fez “Jack” fingir-se de morto treinando-o durante o dia todo (Cena 29). E conseguiu de fato tirá-lo do quarto com este estratagema. Devido à confiança extrema de “Jack” em “Mã” ele a obedeceu em todos os passos.

Aqui, outra vez, mostra como “Jack” é confirmado, fortalecido pelo afeto da mãe, pois na cena 29, quando “Mã” treina “Jack” para fingir-se de morto, ele fica com medo e ela continua, até o momento que ele grita que a odeia chorando muito, e neste momento ela o confirma novamente:

Jack dentro do tapete fica olhando para o buraco, logo em seguida ela começa a gritar dizendo:

- Rola, rola, rola, Jack! Vai lá! Rola! Isso aí! Rola, rola! Você consegue! (Mã)
 Quando o Jack termina de desenrolar o tapete ele começa a gritar:
 -EU TE ODEIO! (Com a respiração funda e chorando)
 A sua mãe vai em direção ao Jack, e pega ele dizendo: "Tudo bem, tudo bem!".
 Sentando o Jack na sua frente ela o abraça e fica balançando.
 (APÊNDICE A)

Depois que o plano dá certo e que "Jack" sai do quarto, bate o desespero em "Mã", assim como em "Jack", quando eles são separados. Por isso, neste momento da separação fica visível a confluência da relação entre eles.

A confluência, descrita por Antony (2009), pode ser ilustrada na dependência mútua na relação mãe-filho. O filme mostra que assim como "Jack" dependia da mãe para sobreviver, "Mã" também dependia dele para manter sua saúde mental, para sobreviver naquele ambiente. Essa dependência é fortemente percebida na cena 32 quando eles estão perto do reencontro:

Jack assustado, fica de joelhos para olhar pela janela do carro e diz:
 - Mã, Mã, Mã, Mã, Mã, abre a porta! Abre! (Jack) Em desespero
 De repente, vem Mã correndo gritando por Jack, e encontra Jack dentro da viatura, e os dois se abraçam, muito emocionados, chorando se sentam no chão, e os policiais, os colocaram na viatura, muito emocionados ainda, Jack pergunta a Mã:
 - Podemos ir pra cama? (Jack)
 - Sim, eles vão nos levar para dormir em algum lugar! (Mã)
 - Não! Pra cama, do quarto! (Jack)
 (APÊNDICE A)

O desespero de ambos no reencontro nos possibilita compreender que a dor dessa separação foi imensa, e que a ausência de um poderia resultar na aniquilação do outro, conforme Antony, 2009, discute.

Entretanto, sair do quarto permitiu que "Jack" pudesse entrar em contato com o mundo totalmente desconhecido e com outras pessoas nunca vistas. Acredita-se que através da forma como "Mã" lhe apresentou o mundo, confirmou e deu suporte para "Jack", possibilitando o seu crescimento e possibilitando sua ampliação de recursos para lidar com o novo, com o desconhecido sem se fechar para as oportunidades que o novo lhe oferecia.

Para Frazão (2015) à medida que a pessoa possa experienciar, ao longo de seu desenvolvimento, uma relação amorosa e respeitosa, em que possa expressar suas necessidades - sejam elas de que natureza forem - e exercer seu potencial, poderá se desenvolver como indivíduo único e singular, interagindo com o ambiente por meio do ajustamento criativo, de acordo com sua hierarquia de valores.

Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014) explicam que o desenvolvimento e o crescimento acontecem por meio da interação entre o organismo e o meio pois é a partir desta troca que surge a possibilidade de entrar em contato com o novo, o diferente. E é exatamente o que acontece com o “Jack”, ao estar no mundo, ele começa aos poucos interagir com o meio e viver o novo, que naturalmente gera um medo inicial.

“Jack” vai cada vez mais entrando em contato com o mundo, com as outras pessoas e, aos poucos se adaptando à esta nova realidade. Mas, neste momento inicial, devido à sua dependência, sempre usa “Mã” como seu elo de ligação com o mundo, como por exemplo na cena 34:

Depois do banho, ambos com os cabelos compridos e molhados, Jack olha para o lado e exclama:

- Mã, bateram na porta! (Jack)

-Ei tudo bem! (Mã)

Aproximando-se de Jack e sentando na cama ao seu lado. O Doutor entra e a saúda.

-Oi. (Mã)

Mã abraça Jack que está recolhido em seu braço e diz para Jack "tá tudo bem".

-Fiquei sabendo que vocês estavam acordados. (Doutor)

-É. (Mã)

Enfermeira se aproxima com uma mesa com alimentos e o doutor pede para que ela coloque no canto do quarto.

O doutor se agacha e diz:

-Oi Jack, você tá bem?

Jack desconfiado levanta um pouco a cabeça e olha para o doutor.

-Meu nome é doutor Mitão, e você estava dormindo quando eu passei aqui mais cedo, está com fome? (Doutor)

-Quer café da manhã? (Mã)

-Deve estar morrendo de fome! (Doutor)

Olhando para Jack:

-Ele vai pegar o café. (Mã)

Doutor se aproxima com a mesa de café da manhã e diz:

-Olha o que temos aqui: Panquecas e frutas!

-Huum, vamos dar uma olhada! (Mã)

Jack ainda com cabeça baixa levanta um pouco seu olhar para comida. Movendo o prato Mã exclama:

- Nossa, panqueca é muito gostosa! Muito, muito mesmo! Quer experimentar? Vem com essa calda, ela é doce. (Mã)

Jack nega.

(APÊNDICE A)

“Jack” vai se relacionando com o mundo de forma restrita; como foi citado anteriormente, devido à sua dependência. “Mã” é o intermédio o tempo todo entre “Jack” e o contato com os outros. Mais um exemplo é quando eles estão na casa da Avó, na cena 38:

Todos vão para a sala de estar. Mã e Jack sentam no sofá, sua vó e Leon permanecem em pé.

- E então, o que posso fazer por vocês? Estão com fome? Nós temos de tudo. (Leon)

- É, as pessoas tem sido muito gentis. Ei, Jack, quer beber alguma coisa? (Vó)

[...]

- Jack, a vovó fez uma pergunta, quer beber alguma coisa? (Mã)

Jack puxa a camisa de Mã e fala em seu ouvido: "suco".

- Ele quer suco. Por favor. (Mã)

- Tudo bem. (Vó)

- Obrigada! (Mã)

- Quer alguma coisa? (Vó)

- Eu to bem, obrigada! (Mã)

Jack e Mã ficam sozinhos na sala e, Mã olhando para seu filho diz:

- Ei, quando a vovó fizer uma pergunta, você responde pra ela. (Se aproxima de seu ouvido) Não precisa falar tudo pra mim, não precisa ter medo.

Jack olhando para frente, mordendo o lábio inferior, afirma com a cabeça.

(APÊNDICE A)

É possível observar nestas cenas a importância de “Mã” na relação entre “Jack” e o mundo. Ela ainda é a única traduzir o mundo para “Jack”, mas veremos posteriormente que aos poucos ele vai ampliando, de forma que outras pessoas como sua avó também começaram a exercer este papel de referencial confiável do mundo.

Aguiar (2015) ressalta que a criança precisa de um referencial adulto para discernir o que vem do mundo, se é certo ou errado; bom ou ruim. Mas para que isto ocorra, a criança precisa sentir-se segura na relação e, no ambiente para internalizar o que é trazido pelo adulto. A autora reitera que a introjeção permite que a criança adquira conhecimentos sobre si e sobre o outro; para que a partir do desenvolvimento de suas funções cognitivas ele possa questionar e diferenciar-se.

4.3 Ampliando os contatos com o mundo e afastando-se da mãe

Conforme citado acima, apesar de “Mã” querer que “Jack” adquira sua independência, diante do novo, ele se mostra muito dependente da mãe. Quando “Mã” tenta o suicídio por meio de remédios, e “Jack” encontra a mãe vomitando no banheiro, ele se desespera (cenas 59 e 60). “Mã” é levada ao hospital e “Jack” é obrigado a conviver com os avós sem intermediação e então, começa ampliar sua rede de apoio.

Diante da ausência da mãe, “Jack” começa experienciar a frustração. Para Lima (2014), estar diante de um impedimento da satisfação de uma necessidade gera frustração. Entretanto, na maioria das vezes, é fundamental que o indivíduo se frustre, pois permitirá que ele busque novos recursos e alternativas para se autorregular.

É perceptível a frustração de “Jack” na cena 61, em que ele conversa com “Mã” por telefone:

*Jack está dormindo na cama e é despertado com o barulho do telefone.
Ele escuta:
-Alô? (Leon)
Jack ainda deitado, abre sua Mão; o dente podre de Mã está no centro da mesma.
- Ah, oi. Como ela está? [...] Não, ele está lá em cima. Jack!? Vem aqui! (Leon)
Jack desce e vai ao encontro de Leon que o está oferecendo o telefone.
- Telefone pra você. (Leon)
Jack pega o telefone de cabeça para baixo.
- Assim (recolocando da maneira certa no rosto de Jack), isso mesmo. [...] Fala alô.
(Leon)
- Alô? (Jack)
- Jack? Jack? Você tá aí? (Mã)
- Mã? (Jack)
- Tudo bem com você? (Mã)
- Volta logo. (Jack)
- E.. eu... ainda não posso... (Mã)
- Volta agora! (Jack- elevando o tom da voz)
- Eu... eu volto logo, eu vou ter que ficar aqui por mais um tempinho... (Mã)
- Eu escolho! EU ESCOLHO POR NÓS DOIS! (Jack- gritando)
- Jack? Jack? (Mã)
Jack solta o telefone e sobe as escadas, então Leon coloca o telefone no ouvido para continuar falando com a Mã.
(APÊNDICE A)*

Esse momento vivenciado por “Jack” demonstra uma frustração importante de não poder estar perto da mãe. Essa frustração por sua vez gera movimento para novos ajustes na interação com o mundo. Para Perls (1977) citado por Lima (2014), não há necessidade sem a existência da frustração; pois é ela que causa a mobilização para que o indivíduo passe a buscar os próprios recursos e, consiga descobrir a própria capacidade. Por este motivo, a frustração permite que a pessoa esteja se ajustando criativamente de forma constante. Então, a partir deste momento, “Jack” começa a interagir mais com o mundo pois não dá pra esperar “Mã” voltar para intermediar suas relações. Então, “Jack” vai entrando cada vez mais em contato com os outros e criando ajustamentos criativos para lidar com essas situações.

Uma das cenas que mostra que ele está conseguindo entrar em contato com os outros é a cena 63, que ele chega do mercado com a avó e responde para a vizinha o que ele e sua avó vão fazer:

*A Avó de Jack está chegando em casa em seu carro familiar de cor azul, Jack está sentado no banco traseiro. Estaciona o carro em frente à garagem da casa, abre sua porta e destrava a porta de Jack.
- Pronto! Tudo bem? (Vó- abrindo a porta para Jack sair)
[...]
- Pode me ajudar a carregar o saco de compras? (Vó)*

- Posso. (Jack)
 - Pode ser? (Vó)
 - Pode. (Jack)
 - Que bom! Está leve! (Vó- dando uma das sacolas a Jack)
 [...]
 - Beleza. (Vó- fechando o porta-malas)
 Vizinha os avista:
 - Foram fazer compras?
 - Fomos sim. (Vó)
 - Vamos fazer cupcakes! (Jack)
 - Ah que delícia! (Vizinha- sorrindo)
 - Tenha um bom dia! (Vó- acenando)
 - Até! (Vizinha)
 - Até! Vamos lá! (Vó- chamando Jack)
 Ambos entram em casa.
 (APÊNDICE A)

Nesta outra cena mostra o contato que “Jack” vai tendo com a avó, começa a confiar nela para contar as coisas que ele viveu no quarto e da saudade que sente de sua mãe, cena 64:

Jack e sua vó estão na cozinha. Jack quebra o ovo na borda de uma vasilha.
 - Huum! Você é bom nisso! (Vó)
 - Eu já fiz isso, no quarto! (Jack)
 - Huum! Já fez? Nossa! E o que mais você fez lá? (Vó)
 - Um monte de coisa! As vezes sinto falta. (Jack- quebrando outro ovo)
 - Lá não era muito pequeno? (Vó)
 Jack nega.
 - Ia em todas as direções e chegava até o fim, nunca acabava! E a Mã tava sempre lá. (Jack)
 Sua avó o olha por uns instantes e:
 - É...
 - Mas o armário era menor. (Jack)
 - E o que você fazia no armário? (Vó)
 - Dormia [...] quando o velho Nick vinha. [...] Eu quero ver a Mã. (Jack)
 - É, eu sei [...] mas é que ela precisa ficar sozinha por um tempinho.
 Jack quebra outro ovo.
 (APÊNDICE A)

“Jack” começa ajustar-se criativamente para lidar com o novo. Cardella (2014), afirma que ajustamento criativo resume-se na capacidade de pessoalizar as experiências no campo organismo/meio, para isto é necessário que o indivíduo consiga marcar os acontecimentos da vida, tornando-os singulares. A autora cita Perls (1988) que diz: “o problema é sempre velho, mas a energia investida é sempre nova” (p. 118). Portanto, o ajustamento criativo possibilita o crescimento que está voltado para o novo.

Na cena 62, ocorre uma situação que exemplifica a representação que “Jack” vem fazendo das novidades, a compreensão do novo mundo que se lhe apresenta. Essa cena nos remete a uma alegoria do processo de autorregulação de “Jack”, em curso. Ao mesmo tempo exemplifica as suas tentativas de assimilar como a mãe estava se sentindo com a experiência de

sair do quarto para o mundo novamente. “Jack” parece se perceber como sendo fundamental na vida da mãe, na sua saúde.

Jack está no closet, sentado no chão brincando com as peças do Lego.

[...]

Enquanto Jack pensa, ao mesmo tempo vários espaços da casa são mostrados, exatamente nessa sequência: corredores, banheiro, escada, Jack deitado no chão de barriga para cima no andar de cima; sentado entre Leon e sua Vó; pulando de sofá em sofá na sala de estar, correndo, e deitado novamente no chão; Mã no antigo quarto (quando ainda estava presa), sentada olhando para a claraboia.

Pensamento de Jack: “Tem muitos lugares nesse mundo, e tem menos tempo porque o tempo tem que ser bastante espalhado até ficar um pouco em todos os lugares que nem manteiga. [...] Então todas as pessoas falam “Corre! Vamos logo! Aumenta o ritmo! Termina agora!” [...] A Mã estava com pressa de fazer “poim” no céu, mas ela se esqueceu de mim, que burra Mã! Por isso os etes jogaram ela aqui de volta, “pshiiiiiooo”, e quebraram ela.”

Então Jack começa a desmontar peça por peça a casa de Lego que havia construído.

(APÊNDICE A)

Parece que a compreensão de “Jack”, no que se refere à sua relação com a mãe é de que os dois se constituem uma unidade. Aguiar (2015) discute que no início do desenvolvimento infantil há indiferenciação entre a criança e o adulto cuidador, e que a autonomia vai sendo constituída na medida em que se vai tendo consciência de quando um precisa do outro.

Essa forma de entendimento da criança, é exemplificada na cena 70, quando ele resolve cortar o seu cabelo para enviar à mãe que estava internada após a tentativa de suicídio.

Jack vai ao encontro de sua avó que está sentada lendo um livro na sala de estar.

- Vovó. (Jack)

- Oi. (Vó- fechando o livro)

- Eu preciso da tesoura. (Jack)

- Pra quê? (Vó)

- Pra cortar meu cabelo. (Jack)

- Realmente quer fazer isso? (Vó)

- Eu quero mandar pra Mã. (Jack)

- Por que? (Vó)

- Ela precisa mais da minha força do que eu, então eu vou mandar pra ela ou você pode levar. (Jack)

Sua avó pensa por um instante.

[...]

- Eu posso te ajudar se quiser. (Vó)

- Sim, por favor. (Jack)

Ambos soltam um pequeno sorriso.

- Tá bom, tudo bem. Vamos fazer isso direito, eu já queria cortar seu cabelo há um bom tempo. Vamos! (Vó- levantando-se do sofá)

(APÊNDICE A)

Nessa cena, novamente, pode-se entender como está se dando o processo de autorregulação bem sucedida da criança. O filme representa aqui, que “Jack” já estava se

sentido mais fortalecido e mais seguro para enfrentar as novidades do mundo, que já estava podendo abrir mão de recursos usados antigamente, como deixar o cabelo comprido para manter a força, e que podia ousar novos ajustes, sem se fixar em padrões cristalizados que já haviam sido funcionais em outros momentos de sua vida. Isso só foi possível graças às relações de apego bem constituídas que essa criança teve na interação com a mãe e depois com a avó. Conforme os autores Aguiar (2015), Antony (2009), Freitas (2015), Perls, Heferehline e Goodman (1997), esse aspecto é discutido amplamente na literatura sobre desenvolvimento infantil.

“Jack” vai conquistando a sua independência durante a ausência da mãe e, vai aumentando sua rede de apoio, pois cria vínculo com a avó, com o “Leon”, o cachorro “Shamous” e fez um novo amigo chamado “Eron” que joga bola com ele. Como pode ser observado no final da cena 76:

Mã olha e [...] lágrimas surgem em seus olhos; balança a cabeça em movimentos negativos e diz:

- Eu não sou uma Mã boa.

Jack nega com a cabeça e diz:

- Mas você é Mã.

Solta um sorriso, lágrimas escorrem em seu rosto ao mesmo tempo; Mã olha para seu filho e exclama:

- Eu sou sim!

Jack a olha e afirma com a cabeça.

- Sou sim! (Mã)

- Eu vou brincar com Eron agora, ele é meu amigo. (Jack)

Mã sorri e afirma:

- Ta bom! (Passando as Mãos novamente em seus cabelos)

Jack a puxa e os dois caem na cama abraçados. Sorrindo.

(APÊNDICE A)

Uma outra cena que ilustra o crescimento de “Jack” e sua autorregulação satisfatória é a que no final do filme ele pede à mãe para visitar o quarto. Neste momento, ele percebe o quanto o quarto era pequeno e se despede do quarto nas cenas 79 e 80:

CENA 79: A mesma policial que acompanhou Jack no momento da fuga, os acompanha para visitar o quarto juntamente com mais um policial. Ela abre a casa do velho Nick:

- Cuidado onde pisam. (Policial)

Todos entram na casa, que se encontra vazia, intacta. A polícia abre a porta para o quintal e os dois prosseguem em frente em direção do quarto.

A porta está arrombada. Jack entra primeiro e Mã permanece na porta.

Ele olha o vaso sanitário, o armário, o local onde ficava a cama.

- Isso é o quarto? (Jack)

- É. (Mã)

- Ele foi encolhido? Onde tá tudo? (Jack)

- Levaram como evidência, pra provar que estivemos aqui. (Mã)

Jack abre o antigo armário; anda pelo quarto, olha para sua mãe e diz:

- É porque a porta tá aberta.

- O que? (Mã)

- Ele não pode ser o quarto se a porta está aberta. (Jack)

- Quer que eu feche?

Jack nega com a cabeça.

- Não. (Jack)

- Ei Jack, podemos ir? (Mã)

Então Jack andando novamente pelo quarto se despede de cada pequeno espaço/objeto:

- Tchau planta, tchau cadeira número 1, tchau cadeira número 2, tchau mesa, tchau armário, tchau pia, tchau claraboia. Mã fala tchau pro quarto.

Jack sai e Mã olhando pela última vez aquele lugar, diz:

- Tchau quarto.

CENA 80: Começa a nevar e os dois saem andando de Mãos dadas do quintal do velho Nick, para sempre.

(APÊNDICE A)

4.4 Considerando a vivência da mãe

Em várias cenas, durante a permanência no quarto, “Mã” cuida do “Jack” com muito afeto e tenta passar a ele uma ideia otimista da vida, buscando protegê-lo e lhe dar as melhores condições de vida possíveis naquela situação de confinamento em que permaneciam (Cenas 01, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 25), conforme já discutido anteriormente.

Um dos pontos destacados no filme é o esforço e os arranjos que ela fez para proteger o filho do “velho Nick”, como pode ser observado na cena 20:

No meio da noite, Jack estava dormindo no armário e se virou. Neste momento seu corpo tocou no controle do carrinho remoto fazendo o brinquedo ligar, despertando-o do sono. Jack mexeu no carrinho para desliga-lo e depois que conseguiu foi olhar através das brechas da porta do armário. Viu que a jaqueta ainda estava sobre a cadeira, abriu o armário, saiu dele e foi caminhando em direção à jaqueta do velho Nick. Começou mexer nela e levou um susto quando o velho Nick tossiu, direcionando a atenção de Jack para ele. Então, o menino começa a caminhar em direção à ele que está deitado na cama com Mã e dormindo. Pisa sem querer no sapato do velho Nick que está no chão, que o faz assustar novamente, mas como nada acontece ele devia do sapato e continua chegando perto dele até parar bem na frente do velho Nick. Então, Jack começa a observá-lo, quando de repente, o velho Nick acorda, olha para o Jack e diz:

- Oi menino! (Velho Nick)

Mã acorda assustada, vai pra cima do velho Nick gritando:

- Sai de perto dele! (Mã)

- Não toca nele, não toca nele! (Mã)

O velho Nick sobe em cima dela e enforca Mã dizendo:

- Fica quieta! Fica quieta! Para! Quer respirar? É? Quer respirar? Então cala essa boca. (Empurra a cabeça dela mais ainda contra a cama e depois solta gritando), Aaaarg! (Velho Nick)

Mã chorando, e tentando respirar continua a falar:

- Não toca nele! (Mã)

- *Merda! Se fizer isso comigo de novo, se me agarrar assim, eu te mato, entendeu?*
(Velho Nick)
 - *Não toca nele! (Mã)*
 - *É, não se esquece como você conseguiu ele! (Velho Nick)*
Velho Nick se veste durante a conversa e sai do quarto. Assim que o velho Nick sai Mã grita por Jack:
 - *Jack! Jack! (Mã)*
Ao ouvir sua mãe gritando por ele, Jack sai do armário correndo, chorando e, desesperado para abraçar sua mãe na cama. Entanto isso acontece Jack diz:
 - *Desculpa ter saído do armário, desculpa! (Jack)*
 - *Você está bem? (Mã)*
 - *Desculpa! Desculpa! Desculpa! (Jack)*
 - *Tá tudo bem! (Mã)*
 - *Eu não vou fazer de novo! (Jack)*
Os dois ficam abraçados.
 (APÊNDICE A)

Além de proteger o filho durante todo o tempo, ela também se preocupa com a saúde alimentar (pede vitaminas para complementar a dieta do “Jack”), física (faz alongamentos e atividade física com o “Jack” dentro do quarto), intelectual (ensina o menino a ler), afetiva (é confluyente na relação com “Jack” e pratica a confirmação, fornece suporte e tenta dar autonomia para ele), entre outros; conforme discutido acima.

Por outro lado, a relação com “Jack” é que mantém a saúde e a persistência em viver da mãe. A vida de “Jack” e sua permanência no quarto foi fundamental no processo de autorregulação da mãe e, de certa forma, garantiu a sua sobrevivência, como ela mesma expressa. Na cena 57, mãe relata à repórter o quão importante pra ela foi o nascimento do filho: *“Quando Jack nasceu tudo ficou diferente. (Sorrindo) Ele era tão, tão lindo e eu sabia que tinha que manter ele seguro”* (APÊNDICE A).

No decorrer do filme, pode-se compreender que quando “Mã” prepara “Jack” para fugir do quarto nas cenas 26 e 29 (APÊNDICE A) ela visava garantir a sobrevivência dos dois. Em frente a possibilidade de ficar sem alimentos, sem aquecimento, era precisa lançar mão de novos ajustes criativos para lidar com a ameaça.

Depois que os dois conseguem se instalar em casa, ela começa a entrar em contato com tudo o que ela perdeu nestes sete anos em que ficou presa no quarto. Portanto, ela entra em contato com outro tipo de sofrimento. Seguindo a sugestão do advogado, para conseguir dinheiro para continuar pagando as despesas do caso, ela decide gravar uma entrevista. Na entrevista, ela é confrontada com relação às suas decisões. Esse confronto fez “Mã” refletir e

perceber o julgamento dos outros ficando ainda mais deprimida. Segue o trecho do diálogo da cena 57:

- Bom, quando Jack nasceu, ficou diferente pra você? (Entrevistadora)
 - Quando Jack nasceu tudo ficou diferente. (Sorrindo) Ele era tão, tão lindo e eu sabia que tinha que manter ele seguro. (Mã)
 - Jack sorri.
 - É claro, é claro [...] Quando ele for mais velho você vai contar para ele sobre o pai dele? (Entrevistadora)
 - Mã muda sua expressão facial de alegria para indignação:
 - O Jack não é dele.
 - Não é dele? (Entrevistadora)
 - Jack fica sério.
 - Então está dizendo que haviam outros homens? (Entrevistadora)
 - Não!! (bufando) Não.. Pai é o homem que ama seu filho (Mã)
 - Claro, isso é verdade, faz todo o sentido, mas a relação biológica que ele.. (Entrevistadora)
 - Não é uma relação. O Jack não é de ninguém, é só meu. (Mã)
 - Entrevistadora olha para as pessoas ao seu redor e imediatamente o advogado de Mã também olha para a avó que se encontra sentada no canto da sala.
 - Quando ele nasceu você algum dia pensou pedir para o sequestrador levar o Jack embora? (Entrevistadora)
 - Mã surpresa responde:
 - Embora?
 - É, para deixar em algum hospital por exemplo onde ele pudesse ser achado. (Entrevistadora)
 - Ah! Hum... E por quê eu faria isso? (Mã)
 - Pro Jack ser livre, bom é um sacrifício definitivo, eu entendo isso mas você chegou a pensar nele tendo uma infância normal? (Entrevistadora)
 - Os olhos de Mã se enchem de lágrimas.
 - Ele tinha a mim. (Mã)
 - É claro que sim, mas foi a melhor coisa para o seu filho? (Entrevistadora)
- (APÊNDICE A)

Essa entrevista leva à mãe a refletir sobre a escolha de ter ficado com o filho dentro do quarto por tanto tempo, e isso parece ter lhe suscitado sentimentos de culpa. Ela parece se dar conta de que manter o “Jack” no quarto foi uma escolha baseada na sua autorregulação, às suas necessidades, sem considerar que poderia haver outras possibilidades para a criança e para ela.

Lima (2014) salienta que, para a Gestalt-terapia, o princípio autorregulativo é uma oposição clara à pulsão de morte. Nesse processo, a pessoa vai buscar a harmonia e a realização.

O sofrimento vivenciado por “Mã”, depois dessa entrevista aumentou exponencialmente, de maneira que pela perdeu o sentido de sua vida tentando o suicídio. Depois de ficar tanto tempo sozinha “Mã” pôde pensar melhor sobre os acontecimentos de sua vida e pensar no futuro e, em seu filho. O que a ajudou, como comentado acima, foi o cabelo de “Jack” cortado que a avó levou para o hospital, e ela reconhece o sentido daquele gesto e agradece ao “Jack” na cena 76:

Mã e Jack estão brincando de Lego; Mã o observa por um tempo e diz:

- Me desculpa Jack.

- Tudo bem, só não faz de novo. (Jack- olha para sua mãe e volta a brincar)

- Eu não vou fazer. (Mã)

- Tá melhor agora? (Jack)

- É, to começando a ficar. (Mã)

Mã sorri e passa a sua mão no cabelo de Jack, logo após abre o zíper da sua bolsa e retira algo.

- Ei, Jack. (Mã)

- O que? (Jack)

Mã retira de uma sacola o cabelo cortado de Jack.

- Quando a vovó levou isso pra mim (ambos tocam no cabelo), eu sabia que ia ficar bem. [...] você me salvou (sorrindo) de novo. (Mã)

Jack a olha por um instante e puxa a camisa de Mã:

- Posso? (Jack)

- Não, (segurando a mão de Jack) eu não tenho mais leite, desculpa. (Mã)

[...]

- Tudo bem. (Jack- pegando novamente as peças do Lego)

Mã o olha e [...] lágrimas surgem em seus olhos; balança a cabeça em movimentos negativos e diz:

- Eu não sou uma Mã boa.

Jack nega com a cabeça e diz:

- Mas você é Mã.

Solta um sorriso, lágrimas escorrem em seu rosto ao mesmo tempo; Mã olha para seu filho e exclama:

- Eu sou sim!

Jack a olha e afirma com a cabeça.

- Sou sim! (Mã)

(APÊNDICE A)

Nas cenas 79 e 80 (APÊNDICE A) “Jack” e “Mã” voltam ao quarto e “Jack” despede-se daquele lugar e pede para “Mã” despedir-se também, sendo uma maneira salutar de fechar essa Gestalt, para que possam pensar apenas no futuro. Foi bom para “Jack” e para “Mã” essa experiência de encerrar ali uma vida e abrir-se para o mundo que se abriu diante deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante análise do filme “O quarto de Jack” destacou-se apenas alguns aspectos teóricos que puderam ser discutidos na tentativa da compreensão das vivências de “Jack”, a criança protagonista da história em questão.

De maneira geral, o filme ressalta claramente a singularidade do desenvolvimento humano, por meio da vivência de “Jack”. Assim sendo, foi possível atingir os objetivos do presente estudo, pois a forma como o filme foi estruturado (destacando as experiências de “Jack”) facilitou uma análise voltada para as percepções da própria criança.

Conforme discutido anteriormente, é por meio da indeterminação que é possível observar e compreender o que está posto. É por meio da indeterminação também que torna-se possível ao pesquisador suspender seus conceitos a priori para deixar-se surpreender com o novo. Desta forma, é preciso olhar para a criança não como uma parte, mas em totalidade; que se ajusta criativamente a todo momento diante de cada situação. Por este motivo, para compreender os ajustamentos criativos da criança, foi preciso abster-se dos preconceitos da pesquisadora. E cabe ressaltar que esta pesquisa contribuiu apenas como uma das possíveis formas de compreender o fenômeno.

Durante a execução do presente estudo acadêmico, foi perceptível a emergência de ampliar os estudos em GT com crianças para uma melhor compreensão da teoria e da prática dentro dessa abordagem.

Sugere-se que este estudo seja retomado e aprofundado devido à riqueza de conteúdo disponibilizado neste filme para compreender melhor sobre o desenvolvimento humano sob a perspectiva da GT.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.
- ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 8, p. 147-162. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.2).
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27 (v.2), p. 259-268, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGT na Rede**, Brasília, DF, v.3, n.4, ago. 2007. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=63>>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Editorial Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 356-375. ago. 2009. Disponível em: <<http://www.uacm.kirj.redalyc.org/articulo.oa?id=451844629007>>. Acesso em: 28 out. 2017.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- ASPESI, C. C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, M.A; COSTA JÚNIOR, A. L. (Org.) **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005. cap. 1, p. 19-36.
- CAMPOS, Bruna Gonçalves; TOLEDO, Tatiana Bruno de; FARIA, Nilton Júlio de. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia, v. 17, n. 1, p. 23-29, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 6, p. 104-130. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.2).
- CARVALHO, A. M. A. O desenvolvimento da criança. **Pediatria moderna**, v. 18, n. 5, p. 269-280, 1983.
- CRUZ, Lílian Rodrigues da; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Modos de endereçamento e a recepção do texto cinematográfico. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.25, n.49, p.197-206, abr. 2007. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi->

bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nex tAction=lnk&exprSearch=527247&indexSearch=ID>. Acesso em: 03 maio 2017.

D'ACRI, Gladys Costa de Moraes Rêgo Macedo. Contato: funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 2, p. 31-46. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas, v. 2).

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; PROTASIO, Myriam Moreira; GRILL, Débora. Considerações sobre o desenvolvimento infantil em uma perspectiva existencial. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; FEIJOO, Elaine Lopez (Orgs.). **Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. Cap. 5, p. 115-161.

FERNANDES, Myrian Bove. Psicoterapia com crianças. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. Cap. 3, p. 56-82. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.4).

FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. Cap. 4, p. 83-102. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.4).

FREITAS, Joanneliese de Lucas. A criança sob o olhar fenomenológico: o despertar do mundo-da-vida. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; FEIJOO, Elaine Lopez (Orgs.). **Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. Cap. 2, p. 35-51.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 363-372, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 maio 2017.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque (Ticha). Autorregulação organísmica e homeostase. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 5, p. 88-103. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.2).

LIZIAS, Sergio. Epistemologia gestáltica e a prática clínica com crianças. In: ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. Cap.2, p. 47-76.

MATTAR, Cristiane Monteiro. A criança e a família: aspectos históricos e dilemas contemporâneos. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; FEIJOO, Elaine Lopez (Orgs.). **Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. Cap. 1, p. 13-33.

MAGNUSSON, D.; ALLEN, V. An interactional perspective for human development. In: MAGNUSSON; ALLEN (Orgs.). **Human development: an interactional perspective**. New York: Academic Press, 1983. cap. 1, p. 3-31

MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.57-82, jan./jun. 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O QUARTO DE JACK = *Room*. Direção: Lenny Abrahamson. Produção: David Gross; Ed Guiney; Andrew Lowe; Tessa Ross; Hartley Gorenstein. Intérpretes: Brie Larson; Jacob Tremblay e outros. Roteiro/autora: Emma Donoghue. Distribuidor: Universal Pictures. Ano: 2015. 1 bobina cinematográfica (117 min), son., color., 35 mm.

SALOMÃO, Sandra; FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. Fronteiras de contato. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 3, p. 47-62. (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas; v.2).

SILVA, I. M. **Estudo histórico e contemporâneo de conceitos fundamentais para a construção de um pensamento gestáltico sobre o desenvolvimento da criança**. 2011. Monografia para obtenção do grau de Especialista em Psicologia Clínica em Gestalt-terapia. Curso de Especialização em Gestalt-terapia, do Centro de Estudos em Gestalt-terapia, CEGEST. Brasília, 2011.

TURMER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.